



AVULSO

1.20 ESC.

ANO III-N.º 107

3

JUNHO

1943

CONTINÊNCIA  
À BANDEIRA!

Esta formação  
de alunos do  
Colégio Militar  
desfila em conti-  
nência à ban-  
deira — símbolo  
da Pátria!

(Foto Serodio)

Vida  
Mundial

**ILUSTRADA**

Semanário gráfico de actualidades





DR. RICARDO  
COUTO

1.º secretário da embaixada do Brasil, chegado há dias com o sr. embaixador Dr. Neves da Fontoura, é uma notável figura da literatura moderna brasileira, a quem, por certo, as relações culturais dos dois países vão dever notável contribuição de intercâmbio.



FERNANDO  
CAMPOS

Tomou posse do cargo de director secretário, com funções de vice-presidente da União de Grêmios de Lojistas de Lisboa. O seu nome, muito conhecido no meio comercial, está ligado a numerosos trabalhos de historiografia política e vulgarização cooperativa.



CASTRO  
SOROMENHO

O autor de alguns dos nossos melhores romances de divulgação á a africana, deu-nos agora «A aventura e morte no sertão», em que a figura de Silva Pêto avulta prodigiosamente, na sua trágica e heróica aventura. É um romance a todos os títulos merecedor da melhor atenção.

# AQUI entre NÓS



GASTÃO DE  
BETTENCOURT

Acaba de ser eleito sócio do Instituto de Coimbra, o que constitui justa homenagem às suas qualidades de crítico e de jornalista activo, do melhor do nosso tempo



AUGUSTO  
DA COSTA

Dos mais lidos e comentados escritores modernos portugueses, publicou o último romance da trilogia «Inocentes», «Gado doído» e, agora, «O Solar deshabitado» que é, como as restantes, uma obra forte, de comentário e de análise que vale ao seu autor o melhor apêlo da crítica e do público.



RUI COUTO

Arquitecto da moderna geração, a quem coube, ao lado de seu pai, o distincto architecto António Couto, a orientação das obras de restauração da Sé, vai em breve realizar uma exposição que, por certo, constituirá mais uma afirmação das suas possibilidades.

## Inventário & Balanço

### OS BONS SINAIS...

É facto que não pode passar sem que dêle cada um de nós se aperceba. E é facto, principalmente, para com êle rejubilarmos todos quantos vivemos o interesse por estas coisas da vida espiritual e mental de meio em que vivemos. Eis o facto: amplia-se a olhos vistos, o gosto do público por certas manifestações a que muitos, apesar de tudo, ainda o julgam alheio, como se de mais que do futebol ou dos toiros não fosse capaz de curar. Mas não, Felizmente, não. Aí está a Feira do Livro. Acontecimento da semana, acontecimento já de cada ano, não há que pensar no carácter de simples propaganda comercial que se lhe possa atribuir, mas extrair dêle a verdadeira lição, a que vale a pena fixar, que é a do seu conteúdo de significação cultural, para usar de uma palavra que anda agora por cá muito em voga e que, por isso mesmo, não nos chega a ser muito grata.

Seja como fór, o facto está á vista. E passar às tantas horas ali na Avenida — mesmo quando a tarde de sol entra pela noite do relógio — e atentar na quasi gula com que se contemplan as espécies postas ali a par de quem passar, á beira do caminho, a curiosidade com que se contemplan títulos, autores — e preços —, o carinho com que se folheia um livro que se compra, O livro posto assim na caminhada de quem passa é uma atracção para toda a gente, para os que, por hábito ou por falta de hábito, não frequentam as livrarias. E isto é para a gente: para o estudante, para o operário, para o funcionário, para a menina do telefone. O livro valoriza-se. Não nos interessa aqui fazer avaliar o seu valor comercial — mas o seu verdadeiro valor de livro meio de divulgação, veículo de transmissão de conhecimentos. O livro, dêste modo, ganha foros de verdadeiro «bibilot». Quem não acredita nisso, que tivesse visto aquêlo jovem casal, ar de casadinho de fresco — ela a arder de loira, êle muito enigmado e polido — que subia de «eléctrico» a Avenida uma noite destas. Traziam três ou quatro livros. E tateavam-nos, contentes, orgulhosos, como se de verdadeira porcelana de Sèvres se tratasse: eram penas escolhidas que levavam para o seu ninho de amor...

Vida  
**MUNDIAL**  
Revista  
PUBLICA-SE TODAS  
AS QUINTAS-FEIRAS

DIRECTOR:  
JOSE CANDIDO GODINHO  
EDITOR E PROPRIETÁRIO:  
JOAQUIM PEDROSA MARTINS  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
RUA GARRETT, 80-2.º — LISBOA  
TELEPHONE: 25844

ciativa dos serviços culturais da Câmara Municipal de Lisboa. Aplausos portanto...

ESTREOU-SE, há dias, num dos teatros de Lisboa, uma nova revista. Dantes a revista chamava-se revista-do-ano e era, por assim dizer, a sátira às figuras e aos factos mais salientes do ano. Estas revistas chegaram a despertar tanto interesse na opinião pública como, por exemplo, a queda dum ministério. Um dia, as revis-

tas principiaram a multiplicar-se; a revista do ano passou a ser a revista do semestre; pouco a pouco a revista do semestre converteu-se na revista do mês — e hoje quasi se estreia uma revista todos os dias. Entretanto, se lhes sobra, hoje, a fantasia, falta-lhes, em regra, mercê de várias circunstâncias, aquêlo sentido crítico e aquêla «charge», por vezes, mordente, que constituíram, durante largo tempo, uma das razões do seu êxito popular, como espectáculo.

A passagem, rumorosamente triunfal, de Tito Schipa pelo Coliseu dos Recreios, veio-nos lembrar o que João Chagas dizia dos tenores. Como afirmava Chagas, financeiramente, o tenor, custando uma fortuna, — é uma ruína. Pois bem. Pagar o tenor continua a ser uma das mais predilectas distrações das sociedades que se prezam. Além disso, moralmente, impõe-se-nos um dever: aplaudir o tenor. Por causa dum tenor dão-se encontros, esmurra-se gente, perdem-se dias á porta das bilheteiras — e arruina-se, às vezes, um lar. A volta dum, chamado Fancelli — que cantava aconchegando veementemente o umbigo, — São Carlos trocou grossas bengaladas. As enches que agora se sucederam para ouvir Tito Schipa provam-nos, á evidência, que o tenor continua — e com que esplendor! — a trocar liricamente notas de música por notas de banco, entre os aplausos da multidão.



# NESTA GUERRA TAMBÉM HÁ UM

# Kaiser...

## POR AUGUSTO FRAGA

**N**ESTAS duas guerras de proporções e conseqüências mundiais, um nome se avanta: Kaiser. Na primeira, que na maldição é no voto dos ex-combatentes deveria ser última grande carnificina do século, o Kaiser germânico dominou o noticiário por largo tempo. Nesta guerra, que se justifica como indispensável para que uma paz, uma perpétua paz reine entre os homens, no prelúdio de uma nova idade de ouro — outro Kaiser está na primeira plana dos acontecimentos.

Aquêle, o Kaiser alemão, perdeu a guerra. Este, o Kaiser dos Estados Unidos, está ajudando as potências aliadas a vencê-la.

O homem miraculoso, que constrói em dez dias um navio de dez mil toneladas, tem, de facto, uma cabeça assombrosamente bem organizada. Na primeira Grande Guerra, o tempo «récord» da construção de um navio dessa tonelagem havia sido 212 dias. E, nessa ocasião, o próprio Henry J. Kaiser, então no início da sua carreira de armador, dissera:

— «Isto é nada mais nada menos do que um milagre. Um milagre de Deus e da capacidade de trabalho dos operários americanos!».

Que dizer, pois, dos seus milagres actuais?

Como Napoleão, Kaiser acha que a palavra «impossível» só cabe no dicionário dos tolos. Dotado de uma prodigiosa capacidade administrativa, compraz-se em economizar tempo, em fazer rápida e eficientemente aquilo que outros indivíduos realizam lenta e dificilmente. Henry J. Kaiser tem métodos pessoalíssimos que são verdadeiros achados. Todos os dias está ele, com o seu talento e, os seus conhecimentos de notável engenheiro, a resolver equações que há longo tempo desafiam soluções e que, uma vez estuda-



Uma vigorosa expressão de Henry J. Kaiser.

das, adquirem o aspecto de simples «ovos de Colombo». O sistema de Kaiser consiste em construir navios em série, fabricando secções inteiras às centenas, para montagem posterior. O trabalho principal é formar a estrutura do navio, montar as diversas secções, soldar todas elas, instalar as máquinas, as caldeiras e o resto.

Mas antes não se procedia assim e ninguém havia pensado ainda em simplificar até esse ponto a técnica da construção naval.

Esse homem extraordinário iniciou a sua vida como ajudante de fotógrafo no Estado de Nova York, quando, aos 11 anos de idade, teve de abandonar os livros e a escola para enfrentar a vida prática.

Quando resolveu casar-se, a família da noiva achou que a fotografia era um negócio precário e teve, por isso, de adoptar outro modo de vida, lançando-se no comércio e na construção de obras públicas por empreitada. O seu primeiro grande contrato foi o da construção de uma estrada de meio milhão de dólares na Califórnia, na extensão de trinta quilómetros. Depois, conseguiu um contrato para outra estrada, no Arizona, no total de oito milhões de dólares. O governo de Cuba, entretanto, contratou-o para dirigir a construção de uma estrada de cimento, de 200 milhas de extensão, e contendo 400 pontes e viadutos. O orçamento era de vinte e cinco milhões de dólares e o prazo para a terminação das obras de cinco anos. Kaiser, porém, acabou-as em três anos apenas. Estava em Cuba quando ouviu falar na construção do Boulder Dam, a mais gigantesca barragem do mundo inteiro. Foi um dos concorrentes e acabou por se associar a outras firmas competidoras, assumindo a chefia dos trabalhos. Administrou a obra com tanto acerto que a deu por concluída antes do prazo e permitiu que as seis companhias que se reuniram para tomar a peito a construção tivessem um lucro líquido de dezóito milhões de dólares. Daí por diante, com a experiência adquirida, Kaiser tem ganho todos os concursos para a construção de barragens.

Outra importante realização de Henry J. Kaiser é a ponte que liga Oakland a São Francisco da Califórnia. É não só a maior ponte do mundo mas a mais alta e que tem vãos mais largos. Associado a Howard Hughes, aviador famoso que fez em tempo «récords» a volta ao mundo, e que foi, há anos, produtor cinematográfico de películas de aviação em Hollywood (foi no seu filme «Anjos do Inferno» que a loura Jean Harlow apareceu pela primeira vez), Kaiser resolveu ingressar na indústria construtora de aviões gigantes para transporte de carga.

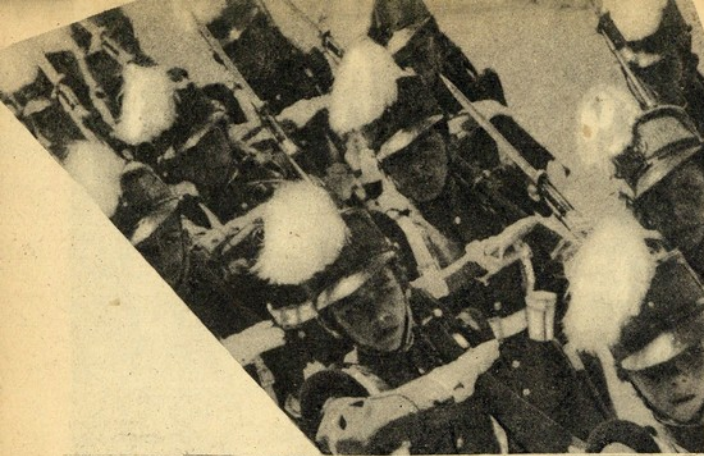
O Kaiser da presente guerra é, ainda, considerado um dos patrões mais humanos e justos dos Estados Unidos. Todos os seus operários, ao serem admitidos, assinam um contrato. E este contrato não admite o apêlo à greve e ao clock-out e determina que todas as queixas e questões surgidas entre o patrão e o operário serão resolvidas por arbitramento. Kaiser não dá emprego a nenhum operário que não seja sindicalizado, que não pertença às «Unions» (como são chamadas nos Estados Unidos as organizações operárias). Todos os seus assistentes e conselheiros são jovens e têm uma resistência tal que lhes permite acompanhar o ritmo do seu dinamismo, da sua miraculosa capacidade de organização.



O Kaiser desta guerra acompanha a sr.<sup>a</sup> Roosevelt, durante uma visita aos estaleiros, onde estão a ser construídos os barcos «Liberty».



# Actualidades GRAFICAS



Os Pupilos do Exército comemoraram mais um aniversário — o 32.º — numa festa tocante de singeleza e delicada de emoção. A sessão solene assistiu o Sr. Presidente da República que presidiu também as provas desportivas realizadas pelos futuros homens do Exército.



No Círculo Eça de Queiroz, fez Joaquim Paço d'Arcos a sua anunciada conferência sobre «Romances e Romancistas» — que constituiu assinalável acontecimento literário. Vemos o conferencista à esquerda da foto, no momento em que conversava com alguns dos convidados



Homenagem ao esgrimista João Sasseti, levada a efeito pelos sócios do Clube Nacional de Esgrima, como prova de apreço pela sua brilhante prova no Campeonato de Esgrima Nacional de 1943. No grupo, encontra-se ao centro o Sr. General Vieira da Rocha.



No domingo passado, a equipa de «hand-ball» do Bolesenses, vencedora do Campeonato de Lisboa, reuniu-se num almôço de confraternização.



Visitou-nos o Chefe nacional do Sindicato Espanhol Universitário que apresentou cumprimentos ao sr. Sub-secretário de Estado da Educação Nacional, Sr. Dr. Lopes de Almeida.



# AS VOLTAS QUE A CENSURA DÁ...

## OU AS CASAS ONDE MOROU...



O sr. tenente-coronel Salvação Barreto, director dos Serviços de Censura.

**P**ARA aquêles que consideram em tôda a sua amplitude a liberdade do pensamento, a instituição da Censura é uma instituição indefensável. Para os outros, que admitem, como necessário, o condicionalismo do pensamento, a Censura, tendo por intuito impedir a perversão da opinião pública na sua função de força social, não é apenas uma instituição defensável: é também uma instituição necessária. Como quer que seja, a Censura, como instrumento do Estado ou admitido

pelo Estado, não é de hoje, nem de ontem. Tem séculos. Para só nos referirmos à Censura literária, e pelo que diz respeito a Portugal, podemos atribuir-lhe a venerável idade de algumas centenas de anos. Dum alvará datado de 1517 mostra-se que, pelo menos nesta data, já existia uma espécie de censura para os livros impressos. Foram várias as entidades a quem, entre nós, coube, sucessiva ou cumulativamente tal encargo — desde o Santo Offício ao Desembargo do Paço, desde a Real Mesa Censória à Comissão Geral sôbre o exame a censura dos livros, entidades cuja acção nem sempre se exerceu com espírito de equilíbrio e de imparcialidade e que, na maioria das vezes, reflectiam a atmosfera, mais ou menos vária, do ambiente político e religioso em que essa acção se exercia. Com o advento do Constitucionalismo, o princípio da liberdade do pensamento foi consignado em todos os seus diplomas fundamentais. A Constituição actual, ainda que inspirada em moldes diferentes, não deixou de estabelecer também que a todos era lícito manifestar livremente o seu pensamento por meio da imprensa, embora esta disposição tenha sido regulada e — porque não dizê-lo? — restringida na sua amplitude. Os serviços de Censura, criados para êste fim, constituem hoje burocraticamente, uma verdadeira direcção geral, e abrangem não apenas os jornais e revistas, mas os próprios livros que envolvam qualquer significado político ou social.

Temos ouvido atacar a Censura com o mesmo espírito, por ventura faccioso, com que a temos ouvido defender. Não há leis más nem más instituições, desde que os homens que as executem ou as personifiquem sejam bons, justos e bem intencionados. Se há hipótese em que êste critério seja posto constantemente à prova, essa hipótese é a da Censura à imprensa. Por um lado, se a ampla liberdade de pensar pode em certos casos ser nociva aos interesses nacionais e internacionais, por outro lado a restrição da liberdade de pensar e de apreciar os homens e os factos, cerceando o legítimo papel da crítica, pode converter-se numa circunstância nociva para o prestígio e até para a acção de quem governa e orienta. Desde que se considere a censura, como uma situação, legitimada pelo direito e útil em determinadas emergências, encontrar o justo equilíbrio entre a liberdade do pensamento e o estado que impõe a sua restrição, eis a missão, sem dúvida espinhosa, que cabe aos funcionários da Censura. Quando êsse equilíbrio se não efectiva, não se serve a Imprensa, tida constitucionalmente como uma expressão da opinião pública, nem se cumpre o papel que aos órgãos censórios a lei lhe atribue. As boas relações entre a Imprensa e a Censura (desde que ela tem de existir) são capitais para a vida da Nação.

Nesta página, damos os edifícios onde, desde 1926, tem funcionado a Direcção dos Serviços de Censura, e de que é director o sr. tenente-coronel Salvação Barreto. Primeiramente, foi dirigida pelo sr. coronel Prata Dias.



Nas dependências onde está o quartel da G. N. R. ali do Carmo, funcionaram primitivamente os Serviços de Censura.



... que se mudaram depois para esta esquina — casa de esquina morte ou ruína... — na rua Nova da Trindade...



... e que vão mudar para o Largo Trindade Coelho, precisamente para êste primeiro andar com escritos...



... até que possa instalar-se definitivamente no antigo Palácio Foz que está a passar por importantes transformações, já de posse do Estado.



# FIM de férias

## DAS ARTISTAS DO CINEMA EUROPEU

**A** vida dos estúdios é absorvente, extenuante. De manhã à noite, sob a luz fortíssima dos projectores, as «estrelas» e os «astros», como bonecos articulados, obedecem à voz dos realizadores, repetindo tantas vezes quantas necessárias as cenas dispersas, que, depois na montagem, formam o conjunto — o filme.

Uma semana tóda a trabalhar, exige que haja um dia para repouso. É justo e humano. E pelas fotografias que ilustram esta página, havemos de convir que as artistas não podem escolher melhores derivativos do que os proporcionados pelo desporto.

Sábado cedo, deixam Hollywood e partem para as praias banhadas pelas águas do Atlântico. Cada uma tem o seu desporto favorito.

Umás, antes do banho, jogam o «ténis» e o «ping-pong». Outras preferem a pesca ou passeiam nos clássicos «charutos».

Percorra o leitor, com seus olhos perscrutadores, esta página: Eva Immermann tem a paixão da pesca... É natural que tanta formosura seja o melhor isco para os peixes...

Karin Hardt vem de dentro de água, fresca e satisfeitiíssima da vida... Traz qualquer coisa no lenço... Talvez um monstro marinho, que docilmente se deixou agarrar...

Ilse Werner demonstra que os «charutos», mesmo grandes, nem sempre causam perturbações cerebrais...

Enfim, melhor do que nós, os leitores poderão segundo a sua fantasia e temperamento, ditar as legendas que julguem mais apropriadas...

Quando o calor começa a apertar, como agora, esta página tóda frescura, movimento e juventude, é um bálsamo para a vista e para os sentidos...

...Talvez não chegasse a valer dois «esquimaux», mas, com boa vontade, talvez valha um...





# CALCADA DA GLÓRIA

PENSAMENTOS DO DR. BONIFRATES

Do nosso querido amigo e eminente homem de letras, dr. Bonifrates, transcrevemos hoje, por especial deferência sua, alguns conceitos, frases e máximas que fazem parte do seu próximo livro a que está, sem dúvida, destinado um clamoroso êxito de livraria. O dr. Bonifrates que os seus méritos elevaram justamente a sócio de algumas Academias, universalmente conhecidas, tem no volume que, dentro em pouco, verá a luz da publicidade, uma das mais rotundas afirmações da sua personalidade duplamente notável pela clareza do pensamento e pela elegância da expressão.

|| ||

— Para ser feliz é necessário sofrer.  
— E para ser infeliz?  
— Também.

|| ||

Marido morto — chapéu novo.

|| ||

A mocidade de espirito é um hábito que se deve conservar até morrer.

|| ||

O amor é um par de botas que se calça a meias.

|| ||

O que é preferível: ser uma pessoa de princípios — ou uma pessoa de meios?

|| ||

Entre as mulheres loiras ou morenas, eu prefiro — as castanhas...

|| ||

A gramática constitui uma das muitas coisas que se têm inventado para oprimir o povo.

|| ||

Um mau jantar servido com abundância é o cúmulo da perfídia culinária.

|| ||

Estou com aquêles que dizem: a política é a arte de fazer aos outros aquilo que não queremos que nos façam a nós.

|| ||

Em jejum não se pode ser imparcial.

## B Ô A S O R T E



O S. P. N. conferiu o prémio de 2 mil escudos à Sr.ª D. Manuela Azevedo pela sua peça «Má Sorte».

(Dos jornais)

Deus fez o céu com o teu olhar,  
Deus fez a terra com os teus cabelos;  
E com a tua audácia fez castelos,  
Que mandou plantar à beira-mar.

Com um sorriso teu fez o luar  
(Que é um guia de noite ao viajante)  
E teu que andava pelo mundo, errante,  
Já não ando perdido, a vaguear...

Do céu da Beira fez a tua alma!  
E ao ver-te sempre assim, tão pura e calma,  
Eu não hesito, ó minha doce Alceste,

Em pedir-te, num trágico lamento,  
Que me des ao menos com por cento  
Do prémio chorudo que tiveste!

ANTÓNIO POBRE

|| ||

O rato está para o queijo como a mulher está para o marido.

|| ||

A gravata é um expoente social. Vende-se nos camiseiros.

|| ||

Amar é o mais irregular de todos os verbos. Poucos se gabam de o conjugar certo em todos os seus tempos.

|| ||

Actual indicativo do verbo casar:  
Eu caso-me  
Tu casas-te  
Ela pisca-me o olho  
Nós divorciamos-nos...

|| ||

Sonhar é bom; mas melhor ainda — é não sonhar...

|| ||

Um beijo pode ter o efeito duma bomba. Por exemplo: o beijo dado por um homem na mulher dum outro, no momento em que o surpreendem a mulher dum — e o marido da outra.

|| ||

No mundo só há verdadeiramente dois grandes livros: a Bíblia, que é eterna; e o livro de mortaldas — que se desfaz em fumo.

|| ||

Há duas espécies de maridos: os que enganam as mulheres — e os que dizem que não é verdade.

|| ||

Os amorosos são invariavelmente cardíacos: todos sofrem do coração.

|| ||

A Lua é a mais distraída de todas as mulheres: anda sempre na Lua.

|| ||

O mal alheio regozija-nos sempre, não por ser mau — mas por ser alheio.

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES



# Von Arnim

## O LUTADOR DA TUNISIA



nicação autorizada do Führer, verifica-se que a batalha da Linha Mareth já não foi dirigida por Rommel e que, portanto, na campanha da Tunísia, do lado alemão, apenas um vencido e não dois como, a princípio, se supunha. E esse vencido era o general barão von Arnim.

Embora, desde já, se possa afirmar que era um oficial hábil e sabedor, Arnim não conseguiu ver o seu nome ultrapassar os limites das esferas militares alemãs senão depois de ter experimentado a amargura da derrota.

Von Arnim nasceu na Silésia, a 4 de Abril de 1889, e, segundo se diz, sua mãe, a condessa von Arnim, era de nacionalidade inglesa, motivo porque o general fala correctamente o idioma de Byron. Escritora de mérito, a condessa von Arnim alcançou grande renome como romancista, tendo o seu livro «Isabel e o seu jardim alemão» sido um dos grandes êxitos de livraria, durante os últimos anos do decénio de 1890.

Em 1910, como o conde von Arnim falecesse, a condessa regressou a Inglaterra e, em 1916, tornou a casar com o falecido Earl Russell. Quanto ao início da carreira militar do general von Arnim, pouco se sabe e os alemães nada revelaram de especial. Durante a outra guerra, fez serviço num dos regimentos de infantaria do «Kaiser», e pertenceu ao Estado-Maior do imperador.

E quando o Tratado de Versalhes reduziu o exército alemão a um contingente de 100.000 homens apenas, Arnim foi um dos poucos oficiais que se manteve nos quadros do activo. Em 1932, subiu ao posto de tenente-coronel e, dois anos depois, ascendeu à patente de coronel; mas, até estalar a guerra com a Rússia, Arnim não parecia predestinado a exercer qualquer missão importante na organização do Grande Reich. Sabe-se, entretanto, que combateu nos arredores de Moscovo, com grande valor e coragem, à frente da 18.ª Divisão «Panzer», sendo ferido, nessa ocasião, com certa gravidade.

Foi depois, enquanto o general nazi se restabelecia num hospital da Alemanha, que as Nações Unidas rejeitavam o seu bem sucedido desembarque na África do Norte Francesa.

O marechal Rommel, já em plena retirada na Líbia, pedia que fossem enviadas forças alemãs para a Tunísia, de modo a evitar ver-se metido entre dois fogos. Assim se fez e, enquanto os anglo-americanos consolidavam as suas posições na Argélia e em Marrocos, desembarcava na Tunísia, com poderosos reforços do «Afrika Korps», o general von Nehring, que imediatamente fazia deter o avanço anglo-saxónico.

Como, porém, em fins de Dezembro, se verificassem desinteligências entre Rommel e Nehring sobre a condução da campanha, este último foi destituído do seu comando e substituído em princípios de Janeiro pelo general Arnim que, em recompensa dos serviços prestados ao Führer durante as operações da Rússia, fora condecorado com a medalha de Cavaleiro da Cruz de Ritter Kreuz e promovido a coronel-general.

Von Arnim prosseguiu a obra do seu antecessor, conservando estabilizada a frente de batalha do norte da Tunísia. Quando o marechal Rommel chegou a Gabés e partiu para a Alemanha, Arnim reuniu as suas tropas e procurou deter o general Montgomery em frente da Linha Mareth, o que não conseguiu devido a uma manobra envolvente da coluna do general Freyberg.

Batendo sempre em retirada, o general alemão viu as suas tropas encurraladas na península do Cabo Bon, entre os exércitos anglo-franco-americanos e o Mediterrâneo. Restava-lhe uma solução: render-se. E foi o que teve de fazer.

No dia 12 de Maio, o supremo comandante das forças germano-italianas mandou chamar o coronel Nolte, seu chefe de Estado-Maior, e ordenou-lhe que entrasse em comunicação com os generais adversários, a fim de se informar de quais as condições impostas para a rendição.

O coronel Nolte saltou para um camião, que ostentava uma bandeira branca, e avançou para as linhas britânicas onde encontrou os oficiais da 4.ª Divisão Indiana. Conduziram-no à presença do major-general, chefe da divisão, e do comandante do corpo de exército em operações naquele sector, os quais, por sua vez, se puseram em contacto com o general Anderson, a quem pediram instruções.

Em seguida, os generais britânicos acompanharam o coronel alemão ao quartel-general de Arnim, instalado numa caverna situada em plena montanha, a 18 milhas a oeste de Hammamet. Von Arnim recebeu os oficiais britânicos à entrada e, antes de os convidar a expor as suas condições, cumprimentou-os militarmente, um por um.

Os generais ingleses informaram-no, então, de que, segundo instruções do comandante do 1.º exército britânico, não havia condições de rendição. O general Anderson exigia a capitulação incondicional e impunha que lhe fossem entregues, intactas, todas as armas, munições, tanques e mais material. Exigia, além disso, que os soldados alemães colaborassem no levantamento das minas terrestres que tivessem colocado.

Von Arnim, ao ouvir estas exigências, empalideceu e o seu monóculo, até então entalçado na órbita do olho direito, caiu no chão, onde se estilhaçou.

— Não posso aceitar semelhantes condições, e, mesmo que o quisesse fazer, hesitaria em comunicá-las aos meus homens—declarou imediatamente.

Os delegados ingleses retiraram-se e, horas depois, o general Anderson enviava uma patrulha blindada da 4.ª Divisão Indiana, com o encargo de prender von Arnim e o seu Estado-Maior.

A patrulha encontrou o general alemão ainda no seu quartel-general, e ninguém ousou resistir.

Antes de se considerar prisioneiro, o coman-

(Continua na pág. 17)

**N**O dia 13 de Maio, todos os jornais, quer beligerantes, quer neutrais, publicaram, com certo destaque, o seguinte comunicado do Alto Comando das Forças Armadas Alemãs:

«Quando em Outubro de 1942, os ingleses começaram a sua grande ofensiva contra a posição de El-Alamein, o marechal Rommel encontrava-se na Alemanha. A longa estada em África tinha-lhe causado prejuízos tão graves na saúde que não se pôde evitar o tratamento médico, já repetidas vezes adiado. Depois de chegarem as primeiras notícias sobre a ofensiva inglesa, o marechal, contra os conselhos peremptórios dos seus médicos, interrompeu imediatamente o tratamento e regressou a África.

Depois do desembarque das forças anglo-americanas na África, prolongou-se a sua estada junto do exército, que devia ser provisória.

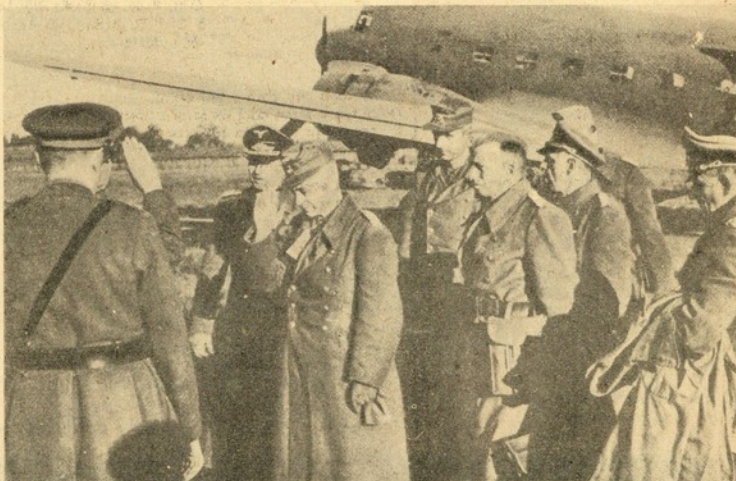
Com ataques constantes contra um inimigo muito superior em número, o marechal conduziu o seu exército até à Tunísia, num movimento estratégico que ficará como um exemplo na história. Depois de atingir a posição de Gabés, e como o estado de saúde de Rommel era cada vez pior, o Führer, de acordo com os desejos do «Duce», ordenou-lhe que regressasse imediatamente à Alemanha, a fim de se restabelecer.

Em 11 de Março deste ano, o marechal Rommel apresentou-se no Grande Quartel General do Führer, onde Hitler lhe entregou, em reconhecimento dos seus méritos únicos, demonstrados na campanha de dois anos na África do Norte, as «Fólicas de Carvalho com Espadas e Brilhantes» da Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro.

A saúde de Rommel melhora agora progressivamente e, quando se encontrar completamente restabelecido, o Führer confiar-lhe-á uma nova missão.

Ficava, assim, esclarecido o mistério que, havia alguns meses, começara e envolver o nome do mais popular chefe militar do Reich. E, ao mesmo tempo que se desfazia este enigma, outras perguntas, que até então não tinham obtido resposta, se dissipavam em consequência das conclusões a que esta nota oficiosa dava lugar.

Hoje, por conseguinte, observando-se atentamente a comu-



Num aeródromo do sul da Grã-Bretanha, o general Geppi recebe um grupo de oficiais alemães aprisionados na Tunísia, e entre os quais se encontra o general von Arnim.



# FORAM ATRIBUIDOS OS PREMIOS DO CONCURSO DE PEÇAS PARA «O TEATRO DO POVO»

**T**EM-SE dito e redito que o Teatro é não só uma expressão de cultura de um povo mas, ainda, uma escola de cultura para esse mesmo povo. Ora, o teatro, que em Portugal tem tradições de carácter universal — é, precisamente, no momento, uma das manifestações mais acentuadas de um declínio intelectual que não tem razões de existência nem características de aconselhar. Sabe-se muito bem que há uma crise teatral aguda que todos querem remediar na medida das suas possibilidades — mas sabe-se também que as mãos que detêm os cordéis da existência do teatro, nem sempre terão sido suficientemente hábeis ou aptas para acudir à resolução de quantos problemas o Teatro em si contém. Regista-se, assim, ao lado da crise de interpretação um doseamento restrito de produção portuguesa que nos pode levar a perguntar se não haverá, de facto, autores em Portugal, e se deverá atribuir-se, exclusivamente, a motivos de reserva censória a ausência de originais portugueses para palcos portugueses...

Se fizéssemos alguma destas perguntas a nós próprios ou aos responsáveis da crise teatral — estamos certos de que a resposta seria embaraçosa e incorreria em muito amargo de boca...

Por outro lado — ou encarando o problema do teatro em Portugal, e visto que Portugal não é apenas Lisboa — há ainda outros aspectos curiosos a considerar — como esse, por exemplo, que nos oferece a província, onde as condições de representação são ainda mais precárias. Sabe-se que as «tournées» de companhias organizadas de Lisboa não bastam às necessidades intelectuais das várias províncias, onde o espírito de curiosidade literária se mantém vivo mas, pela própria força das circunstâncias — estagnado. Recorre-se, assim, muitas vezes, a agrupamentos de amadores que na maior parte das vezes se vêem perante impossibilidades técnicas que a falta de escola determina. Acrescenta-se a isto a necessidade de criar no povo um gosto simples pelas coisas simples — e aqui teremos algumas das razões que, por certo, levaram o S. P. N. a criar a sua secção de Teatro e, como consequência lógica, os seus concursos de peças para o Teatro do Povo. Assim, ao lado da lição de bom gosto que

o público das províncias recebe com a apresentação do grupo cénico dirigido por Alfredo Ruas, atinge-se a finalidade de distrair, educando, e estimula-se a produção teatral.

Não se pode dizer, é certo, que muitos nomes de novos tenham surgido para engrossar a pequena lista de autores portugueses. Mas não se pode também negar que constituem excelente iniciativa estes pleitos periódicos, à procura de quem leve à produção teatral mais uma acha da sua contribuição literária. Há anos que estão a dar bons frutos tais iniciativas — o resultado está expresso no próprio facto da sua reafectação — há anos que se vem dando prémios a autores concorrentes. Desta vez, de entre os vinte e três trabalhos apresentados, saíram premiados:

O Dr. Vasco de Mendonça Alves, que pertence ao grupo dos consagrados veteranos; Manuela de Azevedo, chefe da redacção desta Revista, que aparece, pela primeira vez, a subscrever uma peça teatral; Dr. Luiz de Oliveira Guimarães e Silva Bastos, que são também dois dos nossos mais queridos colaboradores e autores já representados; Manuel dos Santos Carvalho, um actor do melhor estófo que tem escrito, de parceria, algumas das mais aplaudidas revistas de teatro.

Neste concurso promovido pelo S. P. N., «Vida Mundial Ilustrada» — e dizemo-lo com um desvanecimento que o leitor achará compreensível — viu, assim, classificados alguns dos nomes mais apreciados que escrevem esta revista. Circunstância que, de algum modo, poderia servir de pretexto para os cumprimentar aqui, para nos felicitar-mos a nós próprios e ao leitor que, quando pega na nossa revista, sabe de antemão que vai ler escritores de mérito reconhecido.

Em ensaios, para coarar o êxito e o interesse pelas obras premiadas, entraram já as peças «Má sorte», de Manuela de Azevedo, 2.º prémio no concurso das peças em três actos; e «Farça do juiz de direito», do Dr. Luiz de Oliveira Guimarães e Silva Bastos, primeiro prémio das peças em 1 acto. Segundo se pensa, a inauguração da época teatral do Teatro do Povo, inicia-se no princípio de Julho, realizando-se o primeiro espectáculo em Caxias.



Dr. Vasco de Mendonça Alves, 1.º prémio, com a peça em 3 actos «A porta da rua».



Manuela de Azevedo, 2.º das peças em 3 actos, com o original «Má Sorte...»



O actor Manuel dos Santos Carvalho, 2.º prémio das peças em 1 acto, com «Alfonso Henrique, o «Conquistador».



Dr. Luiz de Oliveira Guimarães que escreveu de parceria com...



...Silva Bastos a «Farça do Juiz de Direito», 1.º prémio das peças em 1 acto



# ISTO NÃO É DIZER MAL!

# UM DIA NAS CORRIDAS



**U**MA tarde de sol. Uma poalha de ouro a envolver coisas e pessoas. Os cavalos, lá ao fundo, largaram em correria. Subiu no mastro a bandeirinha verde e branca. Todos os olhos se fixam tenazmente lá ao fundo, num ponto que está cada vez mais perto. Forma um «gros plan», passa como uma flecha, a sineta acusa a passagem: no palanquinho coberto de colmo e palha, o júri toma notas...



O público segue a marcha rápida e movediça dos cavalos. Depois, mal os vê ao longe a desaparecer na curva que se confunde com o tom verde do gramado — salta trincheiras, balastradas, degraus e, num abrir e fechar de olhos, corre para a bicha: ganhou o número do palpite, tem dinheiro na aposta!

Elas e eles, sem se esquecer de linhas e linhagens, apostaram, como se faz na América, na Inglaterra e na França — embora em maior escala. Modestos em tudo — nós aqui ficamos-nos pelas apostas de dez tostões e dois mil e quinhentos...

\*\*\*

Foi no último domingo de corridas das Jornadas Desportivas, As Donas Pires, as Donas Silvas, as Donas Cozinheiras e Pulquérias ficaram-se pela Baixa a tomar geladinhos pela cana, ali na praia seca da Avenida: foram

à «matinée» ou ficaram a deambular pelo Chiado sem pelos de «leões», num desfile diante dos espelhos das montras triques. E ficaram também pelo Rossio em parada diante dos «cafés» e a passear as penas dos chapéus, os rabanetes e couves repolhudas — imitação barata dos modelos da Baixa, confeccionados em Almirante Reis...

É tudo pires nestas tardes de domingos lisboetas: o senhor pançudo que sai com a sua senhora de mão direita, cravejada de brilhantes, de renças, folhos, flores e frutos do seu amor: as caras filhas, esgrouviadas, ar vago de «vamp» em férias ou, então, ar redondo, redondinho, de burguesas burguesinhas. E há também os senhores magros, de colarinho de goma, tipo de funcionário superior aposentado — sapatos de polimento, muito direitos, discretos e risonhos, a encafiar-se pelas casas de chá elegantes, com a sua senhora da mão esquerda. Disseram em casa à leal consorte que iam ao hospital visitar um amigo enfermo, mas perderam-se no caminho por uns olhos negros, moços, macios como veludo...

\*\*\*

São assim as tardes lisboetas das Donas Pires e Donas Cozinheiras. Por isso, mal se anuncia o «durbu» português — logo se aprontam as senhoras Magalhães de Albergaria e Mesquitela, as senhoras de Castro e outros DD...

Ali, no Jockey Clube, podem ao menos usar aqueles incriveis chapéus cuja circulação nem ao Chaido resiste. É de tom, dá bom nome:

— Vais amanhã às corridas?

— Vi ontem a Lili no Jockey Clube!

Mas que foram lá fazer essas rainhas de volfrâmio, essas cabecinhas ócas e vagas descendentes de fidalguia extinta, sem reminiscências da «Arte de bem cavalgar toda a sela»? Que sabem elas de «turf» e de raças de cavalos, que sabem elas de «stud-book» ou do mais que diz respeito à Carreira dos Cavalos que houve ali para os lados de Santana e, onde os nobres fidalgos de Lisboa costumavam exercitar-se, em dias santos, para a arte de bem matar moiros e salvar o reino de Cristo?

Se lhes falássemos da origem asiática do cavalo, se lhes dissessemos que os sapatinhos de ferro que pregam nas solas dos pés dos *equus caballus* é um costume moderno europeu, inspirado nas alpergatas de couro aplicadas pelos gregos e romanos — se lhes dissessemos tudo isto e tudo o mais que se refere a cruzamento de raças e apuramento de espécies, nenhuma delas saberia falar ou perorar...

Entretanto, o campo enche-se de gente — gente nova, sobretudo — gente elegante, snobismos vestidos de entendimentos. Passam «miss» da rua Cidade Manchester, «boys» coleantes de modos «não me toques», «mad in» rua Cidade Cardiff... Fazem-se fotografias, outros passam de maquineta a tiracolo sem películas, a dar-se ares de repórter ou turista. Por aqui, por ali, pomos o ouvido à escuta: de que fala esta gente que já tem automóvel, porque arranjou gasolina?

Nem de cavalos, nem de apostas, nem de corridas. Falam de tudo — menos do motivo que as levou ao «turf». Isso fica para o dia seguinte, para os chás nas casas elegantes, onde farão raivinhas às amigas que não puderam ir à corrida nem figurar na crónica mundana do diário: «Foi uma tarde de rara distinção e elegância... Entre a assistência, lembra-nos ter visto...»

Por agora, esses grupos de gente bem têm outras preocupações. Quando se cruzam com a Lili, falam da Zizi:

— Viste-a? Que chapéu espampanante!

— Oh! filha... aquilo!...

A linguagem deles é, porém, mais expressiva:

— Eh! pá, aquela tipa!...

\*\*\*

Uma volta pelo recinto do chá, onde se bebem gelados, uma vista de olhos pelos presentes de ocasião, fora dos saídos do Grandela: já ecoou por todo o campo o sinal de recomeço da corrida. Todos regressam ao posto de observação. Uma rapariga que viu o filme «Um dia nas corridas», copiou uma atitude galante de um dos irmãos Marx: passa a mãozinha pelo focinho do favorito da tarde, beija-lhe o pescoço fino e põe olhos de cão rafeiro num rapagão que tira, perto, grandes fumaças de um cachimbo. Mas...

— São verdes... Só cavalos os podem apanhar!...

O José Vicente, nas cores garridas do seu fardamento de jockey, é que anda numa roda viva. O cavalo está cansado e transpirou com a corrida. Antes de entrar na cavalaria, o cavalo, que é um lindíssimo exemplar da coudelaria da Fonte Boa — precisa de passear ao sol, sobre a grama seca, porque o bicho está nervoso.

Tim, tim, tim!...

Vai começar mais outra prova. Os cavalos alinham, os espectadores também: se acertam na aposta — têm pago o ingresso de convite...

\*\*\*

Perdão: falámos do mundo elegante e «snob» — a tal ponto «snob» que parece mal gostar de cavalos, quem não gostar de «snobismos»...

Mas irá hoje ao «turf» só a descendência dos Mesquitas e Abreus?

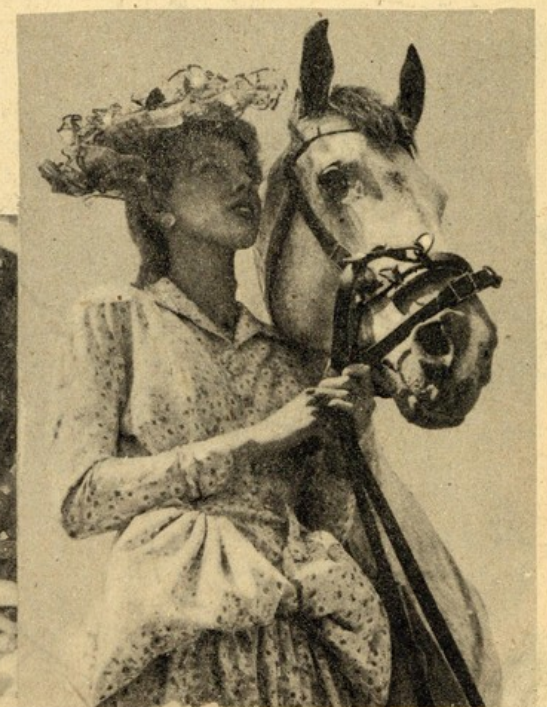
Um parêntesis, meus senhores! Do outro lado de lá, a pé firme, está o peão. Sua excelência o peão que pagou ou não pagou — a nobre instituição das «borlas» é universal, na nossa terra — enchem por completo o outro lado da pista. São centenas os que assistem às corridas, sem direito de se sentar. E — coisa nova em relação à formação do mundo jockeyniano — têm um «bar», podem jogar e fazer apostas...

\*\*\*

As corridas estão, pois, no favor da moda. A falta transitória da gasolina ressuscitou um interesse que estava circunscrito a meia dúzia de amadores do «puro-sangue» inglês, do árabe autêntico, do hispano-árabe, do andaluz, do português de Alter...

Quando saímos, olhámos de longe a mancha metálica dos automóveis, a mancha de poeira levantada pela corrida e lembrámo-nos daquela lenga-lenga de crianças:

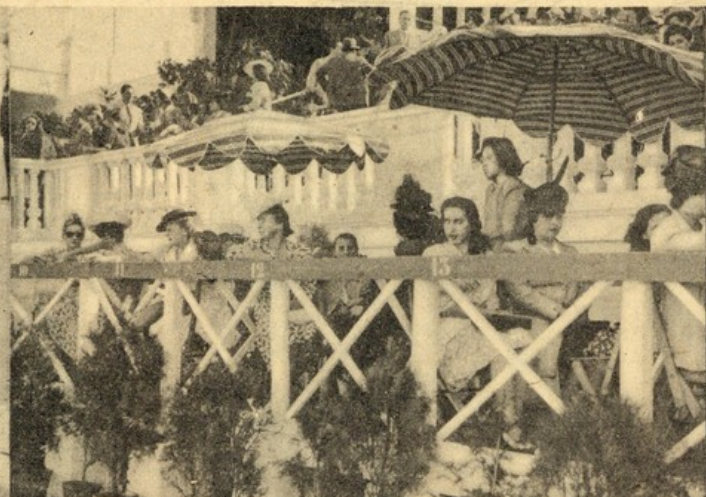
«Os cavalos a correr, as meninas a aprender, qual será a mais bonita que se vai recolher...»



Uma atitude elegante, copiada de algum filme americano...



Sr. Ministro da África do Sul e sua esposa também foram às corridas



Já assistência fixa atentamente a vista: qual será o que vai ganhar?



Este sr. não queria ficar na foto. Se calhar tinha medo que soubessem que ganhou...



No recinto de chá, que é parada de elegâncias, tomam-se gelados.



# HEROIS DE AFRICA!

## A PATRIA LEMBROU-SE...

**A** Pátria lembrou-se de quantos andaram pela África nas lutas contra o homem e os elementos da terra, pela conservação de um património glorioso. E lembrou-se, num momento histórico em que se comemorava outro feito histórico: o movimento do 28 de Maio.

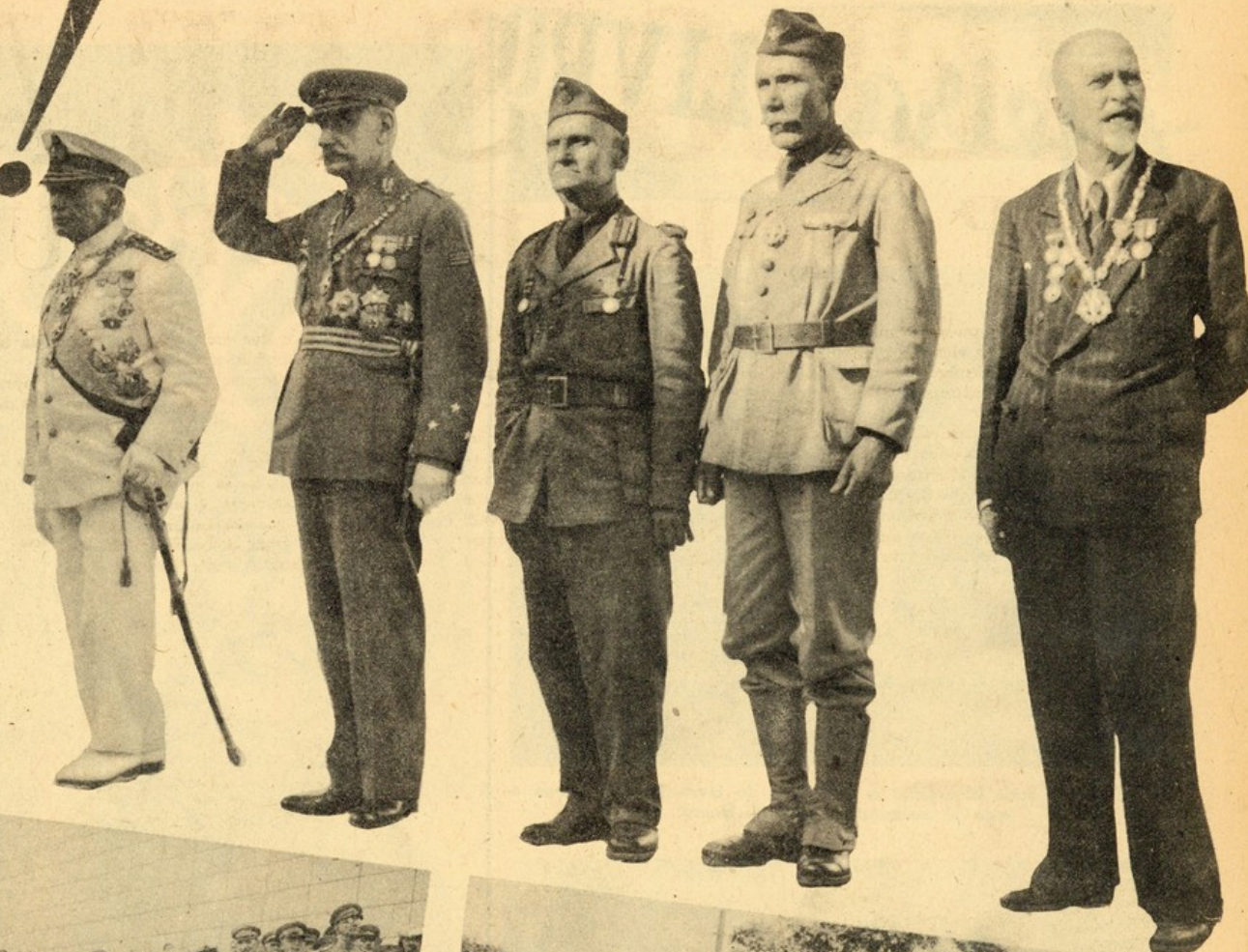
Na Praça do Império, nessa mesma terra donde teriam partido há séculos os pioneiros do alargamento do solo português, fêz-se a consagração dos velhos marinheiros e soldados que foram companheiros de Mousinho e tomaram parte nas lutas da ocupação e pacificação do indígena africano. Não estavam presentes quantos deram o seu sangue pelo nome de Portugal — faltavam os que morreram, faltavam os que não puderam vir. Mas eram algumas dezenas os que estavam presentes, e cinco receberam, das mãos do Chefe do Estado, o

prémio do valor que era de todos: depois da actualização das pensões, veio a consagração, o prémio moral do seu esforço.

Foi uma tarde magnífica de civismo, de ajuste de contas: a pátria devia aos seus heróis contemporâneos a confissão pública do seu aprêço. E a Agência Geral das Colónias tomou a seu cargo essa iniciativa, que na realização se revestiu de magno significado.

Sob a luz forte do sol jorrante, o quadro tocou-se de motivos de ternura, de emoção e simbolismo: os velhos homens de armas que ostentavam condecorações antigas e acabadas de receber; a voz dos novos, em representação da Pátria, agradecendo ao passado de ontem a lição do seu valor...

Magnífica tarde, a de 28 de Maio de 1943... Magnífica evocação da nossa epopeia de África. A pátria lembrou-se...



Os mortos estão presentes. Um a um, vão sendo todos chamados, enquanto no céu sobe a bandeira verde rubra...



Num canto da tribuna, está este grupo de heróis de África que acabam de ser condecorados.



A assistência tem um movimento de curiosidade e de alegria. Quem vem lá?



É o Sr. Presidente da República que chega. Atrás, vem o Sr. Presidente do Conselho e membros do Governo.



O Sr. general Carmona coloca sobre o peito do Sr. Comandante Arevedo Coutinho, a medalha rutilante.



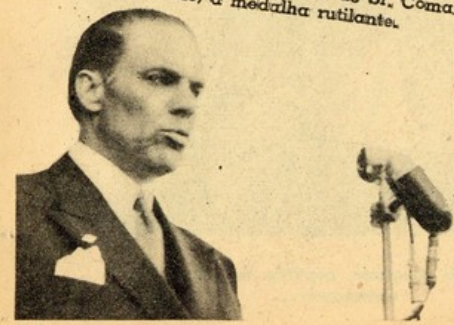
E a marinha de guerra portuguesa, em posição de sentido, presta homenagem aos seus irmãos mais velhos.



Enquanto o Chefe do Estado leva no abraço a este velho herói, todo o aprêço da Pátria agradece.



Os futuros oficiais do exército — os pequenos alunos do Colégio Militar, recebem a lição da história pátria.



O Sr. Júlio Cayola agente geral das colónias, fala ao povo de Portugal dos feitos dos heróis de África.



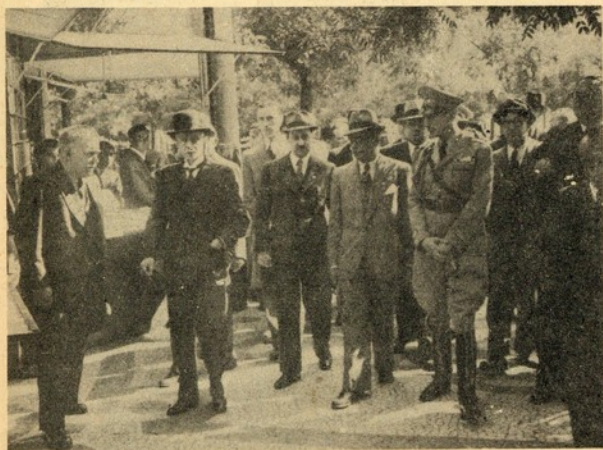
# A feira do LIVRO



O Chefe do Estado inaugurou a XIII Feira do Livro. Na foto, vê-se o acto de assinatura do Livro de Honra.



A Sr.<sup>a</sup> D. Julieta Soares oferece ao Sr. Presidente da República um exemplar do seu último livro.



Um aspecto da visita aos vários «Stands», onde estão expostos milhares de livros portugueses.

# Sinal



À venda o n.º 10  
da grande revista  
«SINAL»  
Crónica de maior  
interesse e actual-  
lidade. Muito ilus-  
trada. A crónica  
portuguesa: «Por-  
tugal pertence à  
Europa».

Edição em Por-  
tuguês — Ex. 2  
escudos.



# Dos livros e DOS HOMENS

★  
POR LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

OUVINDO O

## O VEU DA VERONICA E UM LIVRO DE CONTOS



Dr. Cesário Alvim

As funções de delegado do D. I. P. junto do Secretariado da Propaganda não são difíceis — pois os dois organismos trabalham em colaboração íntima, com este objectivo que tudo facilita: estreitar as relações intelectuais entre Portugal e o Brasil. Não são difíceis, repetimos, mas não podem ser desempenhadas por qualquer pessoa. E foi compreendendo isso que o Departamento de Imprensa e Propaganda escolheu para seu representante em Lisboa o Dr. Cesário Alvim — brilhante, escritor de altos méritos. Era necessário ouvi-lo em breve depoimento acerca das relações espirituais entre os dois países. Foi o que fizemos.

— Gostávamos de ouvir a sua opinião acerca da actual atmosfera luso-brasileira de compreensão recíproca, num plano de comunhão intelectual...  
— É extremamente desvanecedor, para um brasileiro, sentir a curiosidade e a atenção com que daqui se perscrute e se compreende a moderna sensibilidade e o moderno pensamento da minha gente. E, segundo sei, é crescente, no Brasil, o interesse pela cultura portuguesa, de ontem de hoje de sempre, dentro da qual nos formamos e junto da qual queremos viver na familiaridade espontânea dos que, falando a mesma língua, mais facilmente comungam das mesmas idéias.

— Parece-lhe que o romance continuará a predominar na literatura do seu país ou que se orientará, de preferência, para a crítica, as atenções da nova geração literária brasileira? Há quem o sustente...

— Não há dúvida de que a nova geração de escritores brasileiros é constituída, essencialmente, de críticos. Mas o romance também pode ser uma forma de crítica. E o crítico é quasi sempre, no Brasil, um romancista em perspectiva...

— É a poesia?  
— A poesia sofre, no Brasil, o mesmo processo de interiorização, de renovação em profundidade, a que se sujeita actualmente, em todo o mundo ocidental. Estou certo de que em breve há-de ressurgir, da treva em que se debate, para a luz em que se perpetuara.

Deixamos o Dr. José Cesário Alvim no seu gabinete do edifício de S. Pedro de Alcântara, vinda rasgada sobre Lisboa, voltada para esses horizontes do Tejo, que foram o caminho das caravelas ao rumo do Mundo Novo.

## FAÇA DE PAPEL

Júlio Dantas acaba de publicar os seus «Discursos» — em edição da Livraria Bertrand.  
— «Vida villosas» — uma das mais repercutidas obras de João de Barros, acaba de ser publicado, em nova edição, pela mesma Livraria.  
— Chamu-se «O caminho da culpa» o novo romance de Joaquim Papo de Arcos, editado, como os anteriores, pela Parceria António Maria Pereira.  
— Um livro de literatura colonial: «O grito da Selva». É seu autor o escritor e jornalista Norberto Gonzaga. Edições Universo.

**C**REIO que é muito mais difícil a um homem de letras realizar-se através do romance, do que através do conto ou da novela. Assim o julgo, e quasi me sentia tentado a escrever «por experiência própria». Ao romancista exige-se um fôlego especial, uma extraordinária capacidade de projecção ao longo da sua própria obra, um convívio de todos os momentos com personagens que correm o risco de se tornarem independentes do seu criador, uma constante atenção ao fenómeno humano sem esquecer os valores humanos; o romancista tem que dar à sua obra homogeneidade e continuidade. O novelista — ou o contista — pode ser mais fragmentário. O romancista confessa-se, «entrega-se», através de personagens que não podem nunca ser alheios a si próprio. O novelista pode transgredir mais facilmente com o destino das suas criaturas.

Entendo, porém, que o conto — ou a novela — não pode confinar-se a uma simples descrição (mesmo quando tocada pela asa da poesia) de ambientes exteriores ou de acontecimentos. Na criação literária, na ficção pura, o que menos interessa, ainda, são as peripécias ou os acontecimentos — umas e outros devem ser consequência de estados de espírito determinados e não simples premeditação de técnica.

Por outro lado, a literatura de imaginação não pode ser nem só a verdade, nem só a mentira. Sendo só a verdade, leva a um realismo monótono, estéril, diminuído. Sendo só a mentira, cai no fabuloso inverosímil ou no grotesco impossível. Se é certo que, onde intervenha o fenómeno poético, se verificará, inevitavelmente, uma transigência com a mentira — «O poeta é um fingidor», dizia Fernando Pessoa — não é menos certo que a verdade interior, profunda, é indeligiável do artifício mais habilidoso. «Tudo o que a gente inventa, é verdade», diz, mais ou menos, a única personagem verdadeira do último livro do sr. José Régio. E aqui me ocorre um pensamento de La Bruyère: «O homem nasceu mentiroso. A verdade, sendo ingénua e simples, procura o precioso e o ornamento. Ela não lhe pertence, vem do Céu já feita e em toda a sua perfeição. O homem só ama a sua obra — que é a ficção e a fábula». Não será, realmente, missão do crítico — e acentua-o, com singular clarividência, André Rousseaux — fazer ressaltar, evidenciar, a verdade profunda de cada obra em relação ao autor, ao homem seu autor? E é ainda André Rousseaux quem encontra esta definição justa: «A crítica é como o véu da Verónica que uma piedosa mão colocou sobre a face dum pobre homem, e que recebe a marca da verdade». Sim, de facto, entre todos os géneros literários a crítica será aquêle que mais apto está a receber a marca da verdade.

★ ★ ★

Um livro de contos pode revelar o mundo íntimo do seu autor. Urge para isso que o escritor se lhe tenha confiado totalmente, carne e espirito, angústias e problemas, certezas ou dúvidas. Quando acontece que um escritor de qualquer modo se revela inteiro através dum livro de con-

tos, podemos, talvez, considerá-lo maduro para o romance e acreditar que no romance estará um dos seus caminhos futuros.

O primeiro livro que leio do sr. Domingos Monteiro tem um título que me pôs de sobre-aviso por me parecer demasiado intencional no negrume da sua legenda: *Enfermaria, prisão e casa mortuária* (Edições Gleba, Lisboa). Devo confessar que comeci a folheá-lo receosamente. Aquêlê título parecia-me terrivelmente premeditado, espécie de trilogia sinistra no calvário de uma vida — ou de muitas vidas — predestinada para todos os sofrimentos.

Depois, a pouco e pouco, mas sem dificuldade, entrei no universo do sr. Domingos Monteiro. Aqui está uma virtude a realçar neste escritor: a facilidade com que leva o leitor a aderir ao seu mundo íntimo; a partir da primeira novela — indiscutivelmente a melhor de todas — penetra-se, sem nenhuma espécie de preconceito, na atmosfera humana do escritor, e de tal sorte que a presença dum «clima» próprio não consegue separar-se das suas páginas no espirito de quem as lê.

Trata-se, sem dúvida, dum livro denso de humanidade. Tenho, porém, para mim que o sr. Domingos Monteiro só completamente se terá entregado em plena sinceridade e até em plena experiência — nas páginas angustiosas do primeiro conto: *Enfermaria*. Esse conto é, sem favor, um grande conto, nimbado de forte angústia poética. No segundo, porém, o autor transige já com a narrativa, nota-se que está de fora a contar uma história que sente mais como espectador do que como comparsa. Finalmente, o terceiro conto afigura-se-me o menos elevado — e o menos feliz — do conjunto, em franca desproporção com o primeiro, e isto apesar dum intenção poética que não logrou tomar conteúdo e fica submerso na inverosimilhança trágico-cômica dos acontecimentos que o constituem.

Em *Enfermaria*, o primeiro conto, o sr. Domingos Monteiro nem uma só vez dá ao leitor qualquer sensação de incredulidade. Tudo está naturalmente expresso e enunciado, até quando apenas sugerido. No segundo conto, *Prisão*, já isso não acontece. Descrevendo um assassino, boçal embora engenhoso na prática do crime, o sr. Domingos Monteiro escreve: «Era perfeitamente incorrigível, e ele próprio dizia a seu respeito: *fui feito sobre a mó dum moinho de vento em dia de temporal*». Temos de concordar que *Pé-de-vento*, «ladroão, desordeiro e assassino», falava num tom demasiadamente literário para a sua condição...

Finalmente o terceiro conto, *Casa Mortuária*, assente sobre um problema de catalepsia, não tem, mesmo para lá da sua verosimilhança científica, a menor credibilidade humana; a presença da morte — idéia de tão alto sentido poético, viva no primeiro conto — poderia, talvez, manter-se neste, se não fosse prejudicada pelo sacrifício insistente ao mundo exterior e a um excesso de fantasia.

Estará pois, o sr. Domingos Monteiro maduro para a criação romanesca? Será o seu livro de contos um índice de possibilidades? Permito-me

(Continua na pág. 11)



# UMA TARDE NO Campo Pequeno

INCIDENTE LAMENTAVEL

Crónica e desenhos de JAIME DUARTE DE ALMEIDA



Manolo Cortés num passe de peito.

boas qualidades e créditos já firmados. Artur Ribeiro da Costa, filho do antigo cavaleiro Rufino Pedro da Costa, que se tornou notado pela excelência das montadas, para não fugir à tradição familiar, apresentou dois belos cavalos, ensinados, porém, de forma a não poderem satisfazer as exigências do touro moderno que, felizmente, nos traz quasi esquecidos do farfar à «garupa», forma que Artur Costa parece preferir com manifesto prejuizo da emoção e beleza das sortes.

É necessário acompanhar a evolução do tempo, e todo aquêle que o não fizer não terá que queixar-se do desinteresse do público. Não somos modernista senão naqueles pontos em que a evolução representa melhoria estética, e não há dúvida que o touroieo equestre, com a chegada de valores como Simão da Veiga e João Nuncio, tomou uma feição pronunciadamente mais artistica, alcançando um brilhantismo que, julgamos, nunca foi igualado. É certo que a nova forma exige requisitos que a antiga dispensava. Seja, porém, como fór, aquêle que se dedicar à arte de Marialva, procurando agradar, tem que enveredar pelo caminho traçado pelos citados cavaleiros que, em boa hora, trouxeram uma «maneira» nova ao touroieo a cavallo, tão cheia de beleza e alegria que a «afición» já a não dispensa.

Artur Ribeiro Costa tem incontestáveis qualidades para poder ser um cavaleiro «de hoje», e seria com verdadeiro agrado que o veriamos seguir por outro caminho, fugindo quanto possível ao touroieo que desenvolveu no passado domingo.

Manuel Conde tem um estilo nitidamente assente nos principios modernos. Está à vontade a cavallo, é valente e possui «afición» — assim o demonstrou na lide do seu primeiro touro, em que escutou muitas e justas palmas, sobretudo em dois «curtos», um dos quais muito bom. Pena foi que tivesse deixado tocar a montada por duas ou três vezes, o que destruiu um tanto o seu trabalho. No segundo que farpeou, ao cravar um ferro, o cavallo foi colhido, caindo com o cavaleiro. O momento foi emocionante porque o touro teimava em não se afastar, pisando o cavaleiro e corneando a montada que, após ter feito desesperados esforços para se levantar, enteeirçou as pernas e quedou-se para jamais se erguer.

Não queremos afirmar que foi a colhida — aliás violenta — que teria provocado a morte do cavallo. Um segundo de paragem no momento do «cite», uma relutância clara em obedecer ao cavaleiro, pode ser prova de que outra circunstância tivesse provocado a catástrofe, mas nem por isso podemos deixar de reprová-lo terreno escolhido para a execução da sorte, tão apertado, que impossível seria consumá-la.

Não teria sido a colhida a causa da morte do cavallo, mas a verdade é que, após ela, o animal não tornou a levantar-se — o que nos leva a admitir as hipóteses que Manuel Conde tinha o dever de evitar. Valência, sim, mas com medida, sem tocar as fronteiras da inconsciência.

Dos «nifios» que se apresentaram num «mano-a-mano» que tinha interesse, agradou-nos mais Manolo Cortés. É mais valente, incontestavelmente mais artista e, sobretudo, mais jovem que o seu companheiro, que já pouco tem de criança. No entanto, ambos nos deram momentos divertidos — Pepe Catalán pela boa vontade e Cortés pelas circunstâncias apontadas que lhe permitiram lancar de capote com verdadeiro mérito, principalmente em duas «verónicas» pela esquerda, perfeitíssimas, e em quatro «quebros» de joelhos ligados, que arrancaram uma prolongada ovação que se repetiu quando no seu segundo novilho renovou a série, à saída da «gaiola». Bandarilha com vista e nas «faenas» de muleta ficamos com verdadeira pena que a qualidade dos garraios lhe não permitisse fazer aquillo que adivinhámos através do que lhe foi possível executar.

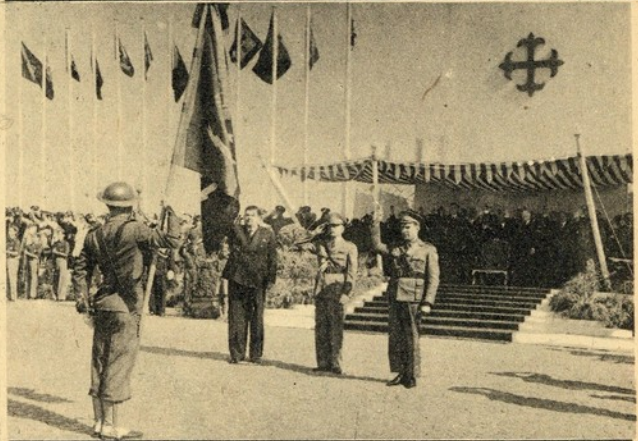
António Correia teve dois pares decididos e fáceis, como sempre, e com êle distinguiram-se na «brega» Saraiva e «Alé».

O grupo de moços de forçado quasi passou despercebido, e Justiniano Gouveia dirigiu a contento.



Outra vez Manolo Cortés num «quebro de rodillas».

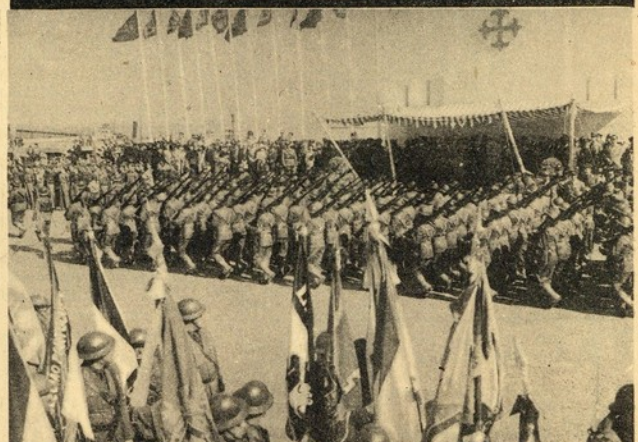
# A GRANDE PARADA NO TERREIRO DO PAÇO



Na tarde de domingo, effectuou-se a cerimonia de ractificação de juramento de bandeira dos novos recrutados da Legião Portuguesa. Na foto, vê-se o Chefe do Estado saudando a bandeira do Comando Geral condecorada com a Grã-Cruz da Ordem de Cristo.



A cerimonia revestiu-se de toda a imponência dando à magnifica Praça do Comércio um aspecto desusado. Enquanto a multidão sublinha com aplausos o acto de condecoração, a «Legião Portuguesa» perfilha-se em posição de sentido.



Por fim as forças em formatura passam em continência ao Chefe de Estado diante da tribuna onde estão também os membros do governo. Durante 30 minutos, a Legião desfila, garbosamente, numa magnifica manifestação de civismo.



# O novo Ministro da Itália em Lisboa



Chegou há poucos dias a Lisboa o novo ministro da Itália em Portugal, Sr. Dr. Renato Pruna, um dos mais notáveis valores da diplomacia do seu país. O Dr. Renato Pruna, ao chegar à capital portuguesa, teve a amabilidade de receber os jornalistas portugueses, a quem fez interessantes declarações. Junto do novo Ministro vê-se, nesta foto, o Dr. Enzo Bolosco, adido da imprensa italiana, que conta grandes simpatias no nosso meio jornalístico e intelectual.

## Von Arnim, o lutador da Tunísia

(Continuação da pág. 8)

dante supremo das forças do Eixo enviou, pela rádio, uma última mensagem ao chanceler do Reich:

«Comunico-vos que as ordens para defender a Tunísia até ao último cartucho foram fielmente cumpridas». E o telegrafista, por sua alta recreação, acrescentou: «Todo o material foi destruído. Vamos desligar para sempre...».

O general nazi preparou-se para abandonar o acampamento, enquanto os oficiais do seu Estado-Maior, envergando as suas melhores fardas e ostentando as suas condecorações, alinhavam e, colocando-se em posição de sentido, prestavam a última homenagem ao que ia deixar de ser o seu comandante, fazendo-lhe a continência.

Von Arnim dirigiu-se-lhes, apertou-lhes a mão, a um por um, e entrou para um automóvel aberto, donde, de pé, mais uma vez saudou à maneira hitleriana os seus companheiros das boas e más horas.

O carro arrancou e o general vencido iniciou uma longa viagem de 100 milhas através duma estrada pejada de camiões cheios de soldados alemães e italianos aprisionados que, freneticamente, aclamavam o seu chefe quando este, ao ultrapassar qualquer camião, se erguia para os saudar pela última vez.

Logo que chegou ao quartel-general do 1.º exército britânico, von Arnim encontrou-se com outros generais alemães, igualmente capturados. Jantou com eles e, em seguida, conversou longamente com o general Anderson.

Este, pouco antes do seu adversário chegar, comentara com aquela calma que tanto caracteriza o inglês:

— Neste momento, a situação dos alemães já é de tal maneira desesperada que se Arnim não assinar agora as condições de rendição que imponho, não sentirei a menor preocupação.

Dias depois, a 16 de Maio, o chefe supremo

das forças do Eixo na Tunísia foi conduzido de avião para a Inglaterra. Esteve em Gibraltar e quando chegou ao aeródromo do sul da Grã-Bretanha, onde aterrou o avião que o transportava, foi recebido pelo major-general Gepp, director dos Acampamentos de Prisioneiros, com quem seguiu para Londres em segredo.

É natural que o local onde vai ficar detido, como prisioneiro de guerra, não venha a ser revelado. Arnim continua a gozar os privilégios inerentes à sua patente e a receber o

mesmo soldo que lhe era pago quando fazia parte do exército alemão, ou seja: cerca de quatro libras por semana.

Além disso, ser-lhe-ão fornecidas quatro refeições diárias, disporá dum impedido de nacionalidade alemã, poderá ler livros de carácter não-político e comunicar com as pessoas da sua família por intermédio dos funcionários da Cruz Vermelha Internacional e do Governo suíço.

Todas as questões que dizem respeito aos prisioneiros de guerra são determinadas pelas leis internacionais, expostas na convenção de Genebra, ainda em vigor.

Os generais britânicos aprisionados estão sujeitos a igual tratamento. É curioso notar-se que von Arnim está subordinado a melhores condições do que Rudolf Hess, o célebre braço direito de Hitler, que, pelo facto de não pertencer às forças armadas alemãs, não é considerado «prisioneiro de guerra», mas sim «internado inimigo».

Uma vez terminados os interrogatórios feitos pelos funcionários do Ministério da Guerra britânico, o general von Arnim e os seus companheiros foram transferidos, em autocarro, de Londres para um campo de concentração, onde os recém-chegados encontraram um velho camarada que há seis meses não viam — o general von Thomas, aprisionado por Montgomery quasi no início da última campanha da Líbia.

E, no momento em que os portões revestidos de arame farpado, do campo de concentração, dirigido, algures, na Grã-Bretanha, pelo coronel Richardson, se fecharam sobre os oficiais nazis da Tunísia, encerrou-se, por agora, a dramática carreira militar do derradeiro comandante-supremo dos exércitos germano-italianos na última e mais cruenta campanha pela posse do continente africano.

JOSÉ CORREIA RIBEIRO

## O véu da Verónica

(Continuação da pág. 15)

duvidar. Pela lista de obras publicadas depreendo que o autor deste livro já publicou uma obra em verso há vinte e três anos — e não é, portanto, um principiante. Por outro lado, dos seus contos de agora, só o primeiro, *Enfermaria*, tem o germe dum romance — e que grande romance poderia escrever o sr. Domingos Monteiro se distendesse a vida interior de cada uma daquelas figuras, se lhes traçasse o segredo do seu destino ou se pusesse em equação dramática os seus problemas! Não o fez. Simples comodidade material ou impossibilidade manifesta?

Eis, na verdade, um livro que sugere perguntas várias, e isto é, sem dúvida uma grande qualidade. Seja como for, limite ou não a este volume a sua obra de criador de ficções, do que não há dúvida é que *Enfermaria* ficará como um dos contos mais trágicos e mais poéticos da literatura portuguesa contemporânea, um grande diálogo, através de semanas e de meses, mas eterno como o próprio tempo, entre o Homem e a Morte.





# Sete dias de CINEMA

POR FERNANDO FRAGOSO

**S**ONHOS de Estrelas» é a história de três coristas. Uma vai para o Teatro, porque tem dificuldades em casa e não encontra, de momento, melhor forma de ganhar a vida. Outra nasceu, por assim dizer, entre os bastidores, tem vocação para o palco e pretende triunfar como artista. A última encara o tablado como um meio seguro para conquistar admiradores e dinheiro, e poder satisfazer, à custa deles, o apetite insaciável do luxo, que a domina. A primeira volta ao lar, desiludida. É lindíssima, mas não tem talento. Haverá que resignar-se a figura decorativa. A segunda acaba por vencer. Ascende rapidamente, da legião anónima das «chorus-girls», à primeira fila das intérpretes. A terceira rola de degráu em degráu, até ao extremo da decadência moral.

Coristas de Ziegfeld ou do Parque Mayer, «Sonhos de Estrelas» é, até certo ponto, o drama dessas raparigas que são por assim dizer o perfume e o encanto dos espectáculos musicados, alimento e condimento das grandes «fêries», friso sempre deslumbrante, parada de mulheres bonitas — com as excepções e restrições que o caso nacional justifica...

A história de «Ziegfeld Girl» deixa de ser um caso fictício, para ter valor simbólico. E porque traz ensinamentos, porque contém lições valiosas sob o ponto de vista moral e profissional, eis um filme que os mentores artísticos dessas raparigas lhes deveriam recomendar, com proveito mútuo.

E, assim, ficariam sabendo, mais uma vez, que a beleza sem o talento não tem valor algum; que para triunfar é preciso perseverar; e que todas aquelas que pretendem colher da vida os frutos saborosos que ela oferece, terão que esperar que os mesmos amadureçam, para que não sintam amargos de boca...

Poderia citar casos idênticos, ao da Lana Turner, da Hedy Lamarr e da Judy Garland, que tiveram como protagonistas figuras, mais ou menos representativas, do Teatro e do Cinema portugueses. Preferimos, entretanto, não revelar nomes, não vá esta crónica despresticiosa transformar-se, assim, numa página de escândalos.

Quanto «Sonhos de Estrelas» realizaríamos — no aspecto novelesco, claro está — se quiséssemos perscrutar as sombras e os fantasmas do Parque Mayer!

\* \* \*

Este filme é obra de dois realizadores: Robert

Z. Léonard e Busby Berkeley. Um veterano e um novo — dois processos, dois sistemas, duas sensibilidades e dois talentos... em desequilíbrio. Robert Z. Léonard contou com a prolixidade que lhe é peculiar, a história dramática das três coristas que pretendem triunfar na vida. Encontramos ali a ausência de dinamismo, de graciosidade e de leveza, que já prejudicava as operetas de Jeannette Macdonald e Nelson Eddy. Quando Busby Berkeley aparece como director dos momentos musicais, sente-se o contrário: a ânsia de inovar, a preocupação do «efeito», a obsessão do movimento, com todos os inconvenientes que tal facto comporta, mas com resultados finais que são, em conjunto, de louvar.

Busby Berkeley, que começou por se notabilizar na direcção de cenas musicadas, é hoje um cineasta reputado. E a maneira como filmou «Rosário e António», os prodigiosos bailarinos espanhóis, no seu número «The Kids from Seville», diz-nos só por si da sua visão de construtor de espectáculos.

Neste filme, «mayonnaise», suculenta e nutritiva, de valores de toda a ordem, Busby Berkeley é o «molho» saboroso, sem o qual, possivelmente, não comeríamos tudo quanto nos deitaram no prato...

E servindo-nos ainda de imagens gastronómicas e culinárias, sempre diremos, que embora «pesado», o alimento não chega a ser indigesto.

\* \* \*

Lana Turner é a protagonista, Hedy Lamarr aparece, em obediência ao próprio papel, para passear na tela a sua esplêndida beleza. Judy canta, com o seu estilo pessoal e inconfundível. Mas Lana, como dissemos, é a figura primacial.

Não sei se o leitor já se deu conta do que se passa com esta artista. Prémio de beleza em 1939, Hollywood contratou-a e experimentou-a, com êxito, em dois ou três filmes. Tempos depois, consagrada como grande vedeta contracenava com os galãs mais célebres. Gastaram-se milhões, com publicidade, em redor do seu nome. Lana conquistou a mocidade americana, e tornou-se por assim dizer o seu símbolo, na perfeição incomparável das suas formas, na surpreendente beleza física que lhe dão o ar aliciante e raro dum verdadeiro capricho da natureza.

No entanto, Lana não progride. Iamos dizer, até, que se tornou numa desilusão para os produtores. Em grandes papéis, parece ainda «chorus-girl», e dir-se-ia que o «protector» de «Sonhos

de Estrelas» é magnate na firma da Cinelândia, que a tem sob contrato... Lana deve estar muito próxima dessa «Sheila» que soube desenhar com tamanha verdade! E não nos surpreenderíamos, por isso, se um dia a vissemos descer as escadarias do estúdio, com a mesma expressão abatida e sacrificada, com que, na noite da estreia da revista do Ziegfeld, pisou os degraus do «New Amsterdam», desiludida e amargurada — porque lhe faltou o talento necessário e a perseverança bastante, para conquistar ao lado das suas companheiras uma posição de maior destaque.

\* \* \*

Em relação ao chamado cinema musical — «Sonhos de Estrelas» não nos traz novidades. Na evocação saudosista dos «clous» de «O Grande Ziegfeld», toma quase uma atitude de renúncia. Dir-se-ia que Hollywood já não é capaz de semelhantes «performances».

Canções — eis outro cotejo desanimador! Como estamos longe daqueles tempos em que o cinema nos trazia, em cada época, oito ou dez canções de primeira ordem, que Lisboa inteira tocava e cantava, pelo ano fora!

Falta de inspiração? Morte de compositores? Os ritmos da guerra? É possível! Sem curar de descobrir as origens, — por ser tarefa inglória! — limitemo-nos a verificar, que o cinema americano já não sabe, não pode ou não quer cantar!





# SUA Magestade O



As trompetes, estridentes, fazem-se ouvir num ritmo dinâmico.



Um velho músico que poderia ter nascido na América, parece louco com o «swing».



O «jazz» parece que vai estoirar com a pancadaria

**S**A Magestade o «Swing», atravessou, num ruído alvorço, o Atlântico, e aqui ficou, na pacata e burguesa Lisboa, a fazer diabruras. Sua Alteza deu-se mal com a viagem; teve enjôos; achou diferença climática nessas salas onde a valsa — uma velha duquesa tonta e caduca, empoada de arminhos — dava a mão, democraticamente, ao senhor Fox, «gentleman» do ritmo. Mas, Sua Magestade quer reinar — tinha ardor, entusiasmo; dentro de si havia aquele delírio de febre que arrasta e esmaga — e venceu. As trompetes, estridentes, entoaram a sua marcha de triunfo, o «jazz», ferindo metais, gritou de dinamismo — e os pares, numa doidice, ébrios, naquele endiabrado ritmo, dançaram, como numa vertigem. Sua Magestade estava apresentada. Dentro em breve, teria ao seu lado uma corte de vassallos. Do «dancing» elegante e boémio, que é o seu paço, desceu ao clube, deste às sociedades de recreio, nos bairros pitorescos. O seu reinado dispersou-se — ou melhor — alargou-se: desde a casaca de cerimónia ao fato alvado e domingueiro, tudo lhe fez honra. Raízes e raparigas, velhos e novos, prós da sua sedução, entregaram-se ao ritmo do «swing». E é vê-los, num rodopio, gesticulando, num disparate de exaéros, ao som da orquestra, até o cansaço os deixar postados, língua de fora, suor pelo rosto, que nem os moços da Alfândega, em dia de intenso tráfego. Dançar o «swing» nem toda a gente o poderá fazer. É uma ginástica preparadora para a entrada no Sanatório.

Muita gente diz «vamos dançar este swing»? Convém explicar que não se diz assim. «Swings» não é uma música mas sim um andamento de qualquer trecho musical de «jazz». Um «slow-fox», por exemplo, que é lento, poderá ter «swing». E então a música chega à parte «swing» ganha outro andamento e dinamismo, que quase toca as raízes da loucura. Por consequência diz-se: a orquestra vai tocar com «swing» — e não um «swing».

Tocar com «swing» é uma maneira americana, própria do seu meio, onde a vida, pela grandeza e agitação, tem, por vezes, uma ponta de febre. No americano há uma intuição do «jazz» — como no português há o sentimento para a guitarra. O «jazz» nasceu na América. Ao princípio bastava um velho piano, a bateria, e a orquestra estava formada. Nos cafés das cidades americanas o «jazz» era feito, depois, pelo entusiasmo dos frequentadores, alguns com garrafas de «whisky», batendo em cima das mesas. Outros batiam palmas — e, borboletando, miúthres cantavam em surdina. Toda aquela cantilena tinha uma ruídsa expressão. A melodia da música já ninguém a entendia — mas havia um ritmo, embora brutal, naquele tinar de copos, de garrafas, de palmas, de pés continuamente a mexer.

A música de «jazz» não pretendia dizer nada — vinha do batusque africano, daquele repisar grotesco de sons selvagens. Paul Whiteman, um grande músico teve a idéia de introduzir os saxofones nas orquestras de «jazz». E o seu êxito foi

clamoroso. Todos os agrupamentos musicais seguiram o seu exemplo. Ao lado do piano, do contrabaixo, da trompete — o saxofone fez, melodioso, o canto. E assim o «jazz» conseguiu revolucionar a música de baile, destronando a flauta, os violinos, o violoncelo dos velhos «minuetes». O seu ritmo tinha mais vida, mais calor, maior entusiasmo. Fazia vibrar. Duke Ellington dá ainda à música de «jazz» maior expressão. E a sua figura mais representativa. E a América começa a apresentar ao mundo orquestras famosas que o cinema populariza com Tommy Dorsey, Kaz Kazer e Glenn Miller.

O «fox», os «slow», andam na boca de toda a gente. Dão a volta ao mundo e são populares em toda a parte. A marinhagem assobia-os, quando vão para outros mares — a rádio, continuamente, espalha-os sobre os continentes. E o «jazz» triunfa porque é uma música do nosso tempo, quasi que nos acompanha nesta ansiedade em que vivemos...

Os saxofones têm sons agudos, de desespelo. As trompetes, estridentes, ferem os tímpanos — e, sobre as teclas do piano, o pianista quasi se desengonça, nervoso, tocando com «swing». Estamos numa agremiação regionalista. Na sala vai uma barulheira e um entusiasmo. Os pares rodopiam num desatino, procurando exagerar ainda mais aquêlé já de si dinâmico ritmo. Agora é o «jazz» que parece rebernar com a pressão da pancadaria. Um músico levanta-se e com a vara do trombone faz saltar uma nota que morre no ruído da sala. Há em tudo uma vibração endiabrada que nos faz nervoso. Reparamos nos mais idosos que, sentados, vêm aquêlé alvorço. Não conseguem estar quietos. O ritmo assenhoreou-se, fá-los estremecer, bater o pé, agitarem-se. Parece que uma corrente eléctrica leva toda a gente a mover-se. E o «swing» — essa epidemia de movimento que a orquestra impulsiva ataca, com nervosismo. O maestro regê. É uma das melhores orquestras. Quisemos ouvir a sua opinião: — Diga-nos, maestro: Já se toca com verdadeiro «swing» em Portugal?

— Bem vê, não posso responder, com precisão a essa pergunta! As nossas orquestras, por muita vontade que tenham, lutam com certas dificuldades. Uma delas, por exemplo, é o sumero restrito de elementos de que dispõem. Uma orquestra devia compôr-se, pelo menos, de dezasseis elementos. É assim que as músicas vêm instrumentadas da América. Nós, aqui, temos que nos contentar com nove ou dez figuras, porque os contratos não dão para mais. Por outro lado, precisamos de muitos ensaios, de bom repertório — e de elementos de valor. As orquestras, em Lisboa, são organizadas à última hora — isto é, com elementos dispersos. Não há, por consequência, conjunto, afinação. Todavia, já se pode ouvir alguma coisa...

O maestro saltou para o estrado. Tem a mão à altura da cabeça. Sua Magestade, o «Swing», vai reinar outra vez...

MANUEL MARTINHO



Três saxofones cantam, com «swing» enquanto, na sala, os pares rodopiam.



# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Terrão \*

## Capítulo XIX - a França depois da derrota

6

### DE MONTOIRE À DE-MISSÃO DE LAVAL

**A** alocação rádio-difundida em que o marechal Pétain expunha os termos em que decorreria o encontro de Montoire e as possíveis consequências desse encontro oferece neste momento um interesse particular.

«Encontrei-me, na última quinta-feira, com o Chanceler do Reich, dizia o marechal Pétain. Este encontro suscitou esperanças e despertou inquietações. A este respeito devo aos meus compatriotas algumas explicações. Uma tal entrevista só foi possível, quatro meses depois da derrota, graças à dignidade dos franceses, graças ao imenso esforço de regeneração a que os franceses se prestaram, graças também ao heroísmo dos nossos marinheiros, à energia dos nossos chefes coloniais, à lealdade das nossas populações indígenas.

A França recompos-se. Este primeiro encontro entre o vencedor e o vencido marca a primeira manifestação de revivência do nosso país. Foi livremente que me decidi a encontrar-me com o Führer. Não houve da parte do vencedor nenhuma imposição, nenhuma pressão. Entre os nossos dois países foi encarada a possibilidade de uma colaboração. Aceitei esse princípio. As modalidades da sua aplicação serão ulteriormente discutidas.

A todos aqueles que confiam na salvação da França devo dizer que esta salvação, antes de mais nada, se encontra nas nossas mãos. Aquêles que, por nobres escrúpulos, se mantinham afastados de nós, devo dizer que o primeiro dever de todos os franceses é terem confiança. Aquêles que duvidam, como aquêles que se obtinam, recordarei que, mostrando uma intransigência excessiva, se arriscam a perder as suas forças mantendo atitudes aparentemente belas de orgulho ou de reserva».

#### PERSPECTIVA DO FUTURO

«Aquêles que tomou nas suas mãos os destinos da França tem o dever de criar a atmosfera mais favorável à salvaguarda dos interesses do país. É na honra e para manter a unidade francesa, uma unidade de dez séculos, no quadro duma actividade construtiva da nova ordem europeia, que entro agora no caminho da colaboração. Assim, num futuro próximo, poderá ser aliviado o peso dos sofrimentos que o nosso país suporta, melhorada a sorte dos nossos prisioneiros, atenuados os encargos da ocupação, melhorados, com a linha de demarcação, o reabastecimento e a administração do nosso território. Esta colaboração deve ser sincera e excluir todo o propósito de agressão. Deve traduzir-se, igualmente, por um esforço paciente e confiante.

O armistício não é a paz. A França contraiu numerosas obrigações em relação ao vencedor. Entretanto ela continua a ser soberana. Esta soberania impõe-lhe a necessidade de defender o seu solo, de acabar com as divergências de opinião, de reduzir a extensão das dissidências nas suas colónias. É esta a minha política. Os ministros são apenas res-

ponsáveis perante mim. E a mim que vocês falado a linguagem dum pai. Vou falar-vos agora a linguagem dum chefe. Deveis seguir-me. Deveis conservar a vossa confiança na França eterna».

Referindo-se à colaboração, o vice-presidente do Conselho, Pierre Laval, fazia, no dia 31 de Outubro, uma outra declaração oficial em Paris, no hotel Matignon pondo em relevo todo o significado político da declaração feita pelo Marechal e acrescentando alguns esclarecimentos sobre o sentido prático da colaboração franco-alemã na fase iniciada em Montoire. O Chefe do Estado pusera a idéa geral dessa colaboração e expusera as grandes linhas em que ela devia ser executada. O sr. Laval revelava alguns pormenores que na altura não deixavam de oferecer um incontestável interesse.

«Em todos os domínios, dizia o sr. Laval, e especialmente no domínio económico e no domínio colonial, em campos, e continuaremos a examinar, com as autoridades civis e militares alemãs, as modalidades práticas da nossa colaboração que se destina a servir os interesses da França, os interesses da Alemanha e os interesses da Europa. Os nossos primeiros contactos decorreram num ambiente de cortesia pouco vulgar no dia seguinte ao de uma derrota. Manifestou-se de ambos os lados um espírito de mútua compreensão. Temos ainda um caminho muito longo a percorrer para podermos regular satisfatoriamente todos os problemas que nos são comuns».

#### UM DISCURSO DE LAVAL

O vice-presidente do Conselho continuou nestes termos:

«Não é, com efeito, em alguns dias, nem mesmo em algumas semanas, que poderão ser reparados todos os estragos e erguidas todas as ruínas acumuladas por uma guerra iniciada em condições tão infelizes. É preciso que compreendamos que tudo continua a ser difícil enquanto a guerra continuar. Entretanto desde já estou em condições de vos assegurar que, em relação a diversos pontos, foram tratadas várias questões precisas para as quais serão brevemente dadas as necessárias respostas, e que o conjunto dos assuntos tratados interessa directamente à vida da nação.

O marechal e o seu governo medem a gravidade destes problemas e empregam para os resolver os seus melhores esforços. Dentro em pouco, a França poderá apreciar a natureza e a extensão dos esforços que já estão a ser realizados. É a França que julgará os resultados que nós conseguiremos. Das duas entrevistas de Montoire em que tomei parte conservarei uma recordação inesquecível. Ao longo da sua história, os nossos dois países têm-se batido muitas vezes. Quando eu vi o marechal Pétain frente a frente com o Führer Adolfo Hitler, compreendi que poderíamos, sem ser por meio de batalhas, regular a sorte das nossas duas pátrias. De futuro, a França saberá defender-se contra as influências estrangeiras e tomar, sósinha, em plena liberdade, a responsabilidade das suas decisões e da sua acção.

É infinitamente doloroso ser obrigado a restaurar, depois da derrota, aquilo que, antes, nós deveríamos ter sabido proteger. Mas a França tem bastantes vitórias inscritas nas suas

bandeiras para poder oferecer à sua juventude um ideal de paz».

Depois de proferir esta alocação o sr. Laval continuou a fazer as suas viagens periódicas a Paris afim de manter os contactos iniciados com as autoridades de ocupação e afim de desenvolver o plano de colaboração esboçado em Montoire. Nessas conversações tomou desde logo uma parte activa o ministro das finanças do governo de Vichy, sr. Bouthillier, para tratar assuntos de carácter te-

## ESTA MUDANÇA SURPREENDENTE



EM 7 DIAS APENAS

Fotografias de Milo. D. Bramallo.

Parece inacreditável mas EXPERIMENTE-O PESSOALMENTE!

Numa semana apenas! Milhares de senhoras maravilhadíssimas, livraram-se das suas rugas — rejuvenesceram muitos anos. Restitua à pele o próprio e precioso elemento natural de mocidade — o Biocel — e a pele tornar-se-á rapidamente fresca e jovem. O «Biocel» é a descoberta surpreendente do Professor Dr. Stejskal da Universidade de Viena. O creme Tokalon, Cór de Rosa, contem-o presentemente. Aplicado todas as noites antes do deitar, alimenta e rejuvenesce a pele durante o sono. De dia empregue o Creme Tokalon, cor branca. Dissolve os pontos negros, aperta os poros dilatados e, em alguns dias, torna branca, macia e aveludada a pele mais escura e mais áspera.

A venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva à Agência Tokalon de Lisboa, 88, Rua da Assunção, que atende na volta do correio.

**HALDA...** de linhas modernas e elegantes à prova de poeira

A cobertura que resguarda completamente todo o mecanismo, dá à máquina um aspecto sóbrio e elegante. Ela cobre também os órgãos da máquina, resguardando-os do pó e da sujidade.

Peça uma «HALDA» à experiência, e não ficará desapontado.



**SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L.ª**  
RUA DA PRATA, 145 LISBOA  
R. SÁ DA BANDEIRA, 339 P.º RTO  
Telef. { 25281  
22102 Telef. 1248



cnico sobre as relações económicas e financeiras entre os dois países.

### ALGUNS ENCONTROS POLÍTICOS

Entre os encontros que se seguiram à entrevista de Montoire alguns tiveram uma significação política incontestável. O marechal Goering e o sr. Pierre Laval encontraram-se em Paris, em 9 de Novembro. Ao encontro assistiram algumas destacadas personalidades francesas e alemãs, os generais Bodenschatz e Hanesse, do lado alemão, o embaixador de Brion, do lado francês. Em Novembro e Dezembro, o sr. Laval proseguiu em Paris as entrevistas com as autoridades de ocupação. Os comunicados oficiais que deram conta desses encontros acentuavam que eles se realizavam sob a égide do marechal Pétain.

Por seu lado o ministro das finanças do governo de Vichy, M. Bouthillier, proseguiu, como dissemos, na mesma altura a série de conversações com os técnicos alemães que haviam sido, iniciadas no clima de Montoire. No dia 6 de Dezembro foi assinado em Paris um acordo de «Clearing» entre os dois países. O acordo tinha aplicação imediata à totalidade do território francês incluindo portanto os seus efeitos a zona ocupada e a zona não ocupada. As colónias, protectorados e territórios sob mandato apareciam igualmente abrangidos no âmbito do mesmo acordo. O acordo destinava-se a regular os pagamentos comerciais e também as despesas feitas com a organização e manutenção dos respectivos serviços.

A actividade económica francesa orientava-se para a realização de uma certa colaboração com o Reich. O ministro das finanças francês proferiu um discurso, nessa altura, para acentuar que o futuro económico da Europa devia assentar essencialmente sobre um sistema de trocas que associasse todos os países do continente. «A França, acrescentava o sr. Bouthillier, que durante muito tempo viveu voltada para o Atlântico, tem no sistema económico, que deve regular as relações comerciais na Europa nova, um papel de primeiro plano a desempenhar. Esse papel deve tomar-se predominantemente na zona mediterrânica incluindo o Próximo Oriente».

Assim a atmosfera política que começara a criar-se com o encontro de Montoire projectava-se no plano económico com alguns resultados.

### A SORTE DOS LORENOS

Uma questão espinhosa e de solução delicada que se suscitou entre os dois países, em seguida à assinatura do armistício, foi a que dizia respeito à sorte dos lorenos. Não foi sem uma emoção justificada que a França recebeu, no começo de Novembro, a notícia de que os habitantes da região da Mosela haviam recebido um convite oficial das autoridades alemãs para optarem entre a sua transferência para a Polónia ou a sua entrada em massa na zona não ocupada. Qual totalidade dos indivíduos que receberam este convite optou pela entrada na zona não ocupada da França, criando-se assim um problema de incontestável gravidade para o governo de Vichy.

Entre 11 e 16 de Novembro entraram assim, imediatamente no território sob a administração desse governo cerca de setenta mil indivíduos de todas as classes sociais. Sete a oito comboios despejavam diariamente os lorenos evacuados no território da zona não ocupada, criando um problema imediato para a sua instalação e sustentação, problema que se revestia de uma gravidade maior no momento em que as dificuldades com que lutava o governo de Vichy aumentavam incessantemente. Em 20 de Novembro, o exódo terminou e o marechal Pétain dirigiu um apelo a todos os franceses para que se associassem dentro do limite das suas possibilidades, à tarefa urgente de auxiliar os evacuados lorenos. «O governo, declarava o marechal, fez tudo o que pôde para aliviar o infortúnio desses desgraçados, fornecendo-lhes os meios para viver e trabalhar. Mas os lorenos merecem mais alguma coisa. É preciso que o acolhimento a dispensar-lhes seja o acolhimento do coração, o acolhimento que se reserva aos irmãos e aos parentes muito queridos. Todos deverão esforçar-se por conseguir para eles um lar e o ambiente da grande amizade francesa. Que cada um se esforce para os auxiliar, para os reconfortar, para lhes fornecer trabalho em todos os géneros de actividade em que eles possam ser úteis. Que tudo isto se faça com um entusiasmo ardente e que os lorenos sintam, à sua volta, uma atmosfera de simpatia e de afeição. Deste esforço de solidariedade em relação aos nossos infelizes compatriotas sairemos mais fortes e mais unidos».

### A QUESTÃO DOS PRISIONEiros

Outra questão que constituiu, desde o primeiro momento, um motivo de dificuldades crescentes entre os governos da França e do Reich foi a do tratamento e situação dos prisioneiros de guerra. O número desses ascendia a perto de dois milhões de indivíduos recrutados em todas as categorias e classes sociais da França, cuja falta era particularmente sensível num país que precisava dispor das energias de todos os seus filhos para a tarefa de reconstrução urgente tornada absolutamente necessária após a derrota militar.

Para tratar dela o governo de Vichy procedeu à nomeação de um grande mutilado de guerra, o sr. Scapini, cuja autoridade incontestável e prestígio de que gozava entre os elementos de todos os partidos e tendências políticas, constituía um elemento importante para tratar com o vencedor em matéria tão exigente e delicada. Ao sr. Scapini foram dados, com a categoria de embaixador, os poderes necessários para tratar não apenas com as autoridades de ocupação mas, sempre que isso se tornasse necessário com o próprio governo do Reich. Para o desempenho da sua missão, o sr. Scapini estabeleceu imediatamente numerosos contactos com diversas personalidades políticas e militares alemãs. Em consequência das diligências a que procedeu foi possível concluir inicialmente um acordo de princípio relativo à libertação de certas categorias de prisioneiros. Os acontecimentos ocorridos posteriormente e a evolução da guerra, com as correspondentes repercussões no sistema de relações franco-alemãs, não permitiram que a questão dos prisioneiros de guerra pudesse ter uma solução satisfatória. A libertação prevista pelo acordo fez-se de maneira reduzida e o repatriamento de prisioneiros de

guerra franceses só veio a tomar uma amplitude maior quando as necessidades de mão de obra do Reich levaram à realização de determinadas trocas que inicialmente não haviam sido previstas. Havia também na Suíça cerca de trinta mil internados a cuja libertação e repatriamento foi relativamente fácil proceder.

### A NOVA FASE DA COLABORAÇÃO

A fase da colaboração a que nos referimos deve considerar-se terminada com o episódio inesperado de 13 de Dezembro que afastou do poder o vice-presidente do Conselho Pierre Laval e criou, durante algum tempo, uma certa flutuação nas relações entre os dois países cujo entendimento completo parecia não apenas possível mas bastante provável num futuro mais ou menos próximo.

A França e o mundo foram efectivamente surpreendidos, no dia 14 de Dezembro de 1940, por uma mensagem rádio-difundida pelo marechal Pétain à nação francesa na qual se revelavam os acontecimentos de incontestável importância e cujo carácter sensacional, quaisquer que fossem as interpretações officiosas nas versões oficiais de que o seu relato aparecia rodeado, eram motivo de admiração justificada. Nessa mensagem o Chefe do Estado Francês afirmava: «O sr. Pierre Laval já não faz parte do governo. O sr. Pierre Etienne Flandin recebeu o encargo de dirigir a pasta dos Negócios Estrangeiros. O acto constitucional n.º 4 que designava o meu sucessor fica anulado. É apenas por motivos de política interior que me resolvi a tomar esta decisão. Ela em nada influi nas nossas relações com a Alemanha. Continuo ao leme. A revolução nacional também continua».

De que se tratava? É certo que o marechal na sua mensagem afirmava

que a decisão de afastar o sr. Laval do poder era exclusivamente ditada por motivos de política interna. Mas devia considerar-se inteiramente aceitável essa explicação, sabendo-se que o sr. Laval era a individualidade política francesa considerada pelos dirigentes do Reich como a mais indicada, para não dizer mesmo como a única verdadeiramente indicada, para realizar a tarefa de colaboração cujo primeiro acto decisivo se desenrolara em Montoire? As reacções alemãs, tornadas inevitáveis por essa decisão, dariam a medida exacta das circunstâncias em que ocorrera o episódio de 13 de Dezembro e das consequências que dele haviam de resultar para o conjunto das relações franco-alemãs e para o futuro do continente europeu.

### A POLITICA INTERNA E A POLITICA EXTERNA

Quais eram os motivos de política interna a que aludia o marechal na sua curta mensagem rádio-difundida e cujo verdadeiro fundamento passara inteiramente despercebido à maior parte da opinião em França e no estrangeiro? Havia, é certo, os iniciados que há muito previam a crise e o afastamento do vice-presidente do Conselho Pierre Laval, argumentando que, apesar das aparências, nunca se conseguira estabelecer um acordo perfeito e sincero entre ele e o marechal. As divergências verificadas entre os dois homens encarregados de dirigir os destinos da França depois do armistício não diziam, de resto, respeito tanto à orientação de política interna, embora também nesse ponto o seu acordo não fosse perfeito, como à orientação geral da política externa da França. Essas divergências de pontos de vista, como mais tarde se revelou, aguardavam apenas o momento de se traduzirem em actos.

(Continua)

## LOTARIA DE SANTO ANTONIO

Extracção em 12 de Junho próximo

- 1.º prémio. . . . . 3.500 contos
- 2.º prémio. . . . . 1.000 contos
- 3.º prémio. . . . . 100 contos

- 47 prémios de 20 contos
- 2 prémios de 12.500\$00
- 104 prémios de 10 contos
- 72 prémios de 5 contos
- 320 prémios de 1.500\$00
- 3.735 prémios de 1 conto

Importância total dos prémios 11.180.000\$00

*Os lucros da lotaria são totalmente aplicados em obras de assistência*





... aqui  
**AMERICA**



**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS  
EM LÍNGUA PORTUGUESA**

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS CURTAS	
7.15	WEBX	31.1 m.	9.650 kc/s.
9.45	WRUW	49.6 m.	6.040 kc/s.
11.45	WBOS	48.8 m.	6.140 kc/s.
13.45	WBOS	25.3 m.	11.870 kc/s.
17.45	WBOS	19.7 m.	15.210 kc/s.
17.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
19.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
21.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
22.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
1.15	WDJ	39.7 m.	7.565 kc/s.

**EMISSÕES DIÁRIAS**

**OIÇA a VOZ da  
AMERICA em MARCHA**

**B.B.C.**  
A VOZ DE LONDRES

*fala*  
*e o mundo acredita*

**Emissões em LÍNGUA PORTUGUESA**

Hora de Lisboa	Comprimentos de Onda	
08.45 — 09.00	49.10 m.	(6,11 mc/s)
	41.96 m.	(7,15 mc/s)
	41.49 m.	(7,23 mc/s)
14.15 — 14.45	24.92 m.	(12,04 mc/s)
	19.76 m.	(15,18 mc/s)
	13.86 m.	21,64 mc/s)
23.15 — 23.45	1.500,00 m.	(200 kc/s)
	261,10 m.	(1,149 kc/s)
	42,13 m.	7,13 mc/s)
	41,32 m.	(7,26 mc/s)



**M'EUCLAY**

OS MELHORES PRODUTOS  
DE BELEZA E PERFUMARIA

BREVEMENTE  
A VENDA NO MERCADO  
SÉRIE DE LUXO

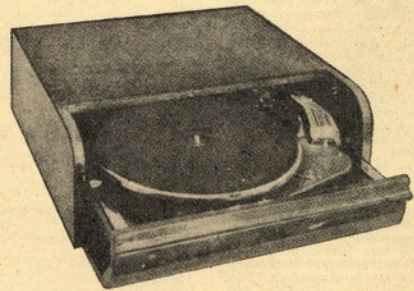
*Marlice*



APRESENTADA PELA  
**SOC. PORTUGUESA DE PERFUMARIA, L.P.A**  
RUA RODRIGO DA FONSECA, 87-B TELEF. 45410

**DISCOFONES**

Para reprodução de discos  
em aparelhos de rádio



Completo, com motor electrico e pick-up  
desde Esc. 880\$00

Modelos com mudança automática de  
8 discos.

**Est. Valentim de Carvalho**

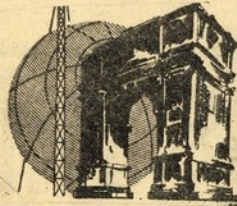
RUA NOVA DO ALMADA, 97

Enviem grátis catálogos descritivos



ESCUTAI

# ROMA



NOVO HORÁRIO  
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA  
TODOS OS DIAS

Horas de Portugal	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7.40	Noticiário	2 RO 21	19.92	15060
		2 RO 4	25.40	11810
12.20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 8	16.84	17820
13.30	Noticiário	2 RO 8	16.84	17820
		2 RO 21	19.92	15060
17.00	Noticiário	2 RO 17	15.31	19590
21.00	Noticiário	2 RO 4	25.40	11810
		2 RO 3	31.15	9030
21.40	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 4	25.40	11810
		2 RO 18	30.74	9760
		2 RO 11	41.55	7220
		2 RO 26	48.23	6220
			221.10	ondas médias
23.30	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 19	29.04	10330
		2 RO 18	30.74	9760

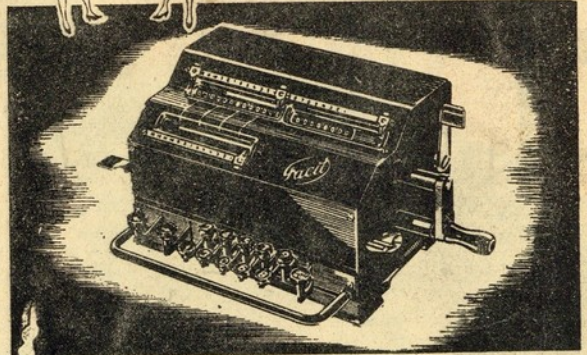
CONVERSÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

21.10	Aos domingos	39.80
21.20	As quartas-feiras	31.41

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE



Discussão por causa da «FACIT»



É tempo de comprar mais outra !!

Esta situação é sua conhecida? Todos querem fazer as contas com a nova máquina «Facit», moderna, pois é muito mais fácil e mais segura, com as dez teclas manejáveis. Os modelos eléctricos são tão rápidos! A «Facit» EA é uma máquina para trabalhar sobretudo com a mão esquerda, deixando a mão direita livre para as conferências, etc. Esta máquina é igualmente conveniente para todas as operações: soma, subtração, multiplicação e divisão. Para os que trabalham com grandes números e muitos decimais, há o modelo especial «Facit» LX com 19 algarismos no registador dos produtos.

É de toda a conveniência ter o número suficiente de máquinas, no escritório — e a máquina própria no devido lugar. Peça demonstração.

A máquina de cálculo rápido



para as 4 operações aritméticas — manual ou eléctrica

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L.<sup>da</sup>  
RUA DA PRATA, 145 LISBOA  
R. SÁ DA BANDEIRA, 339 PÓRTO  
Telef. 22102 Telef. 1248



## CREMES PARA DE DIA E PARA DE NOITE

M<sup>rs</sup> CAMPOS

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA  
Avenida da Liberdade, 35  
Telef. 2 1866 — LISBOA  
Os produtos de beleza  
RAINHA DA HUNGRIA

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade  
Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

### Vida MUNDIAL Ilustrada

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES	ESTRANGEIRO (com convenção)
3 meses (13 números)..... 13\$00	6 meses (26 números)..... 40\$00
6 " (26 " )..... 26\$00	12 " (52 " )..... 80\$00
12 " (52 " )..... 52\$00	
ÁFRICA PORTUGUESA	ESTRANGEIRO (sem convenção)
12 meses (52 números)..... 68\$00	6 meses (26 números)..... 47\$00
	12 " (52 " )..... 94\$00

«VIDA MUNDIAL ILUSTRADA», é composta e impressa nas Oficinas Gráficas Bertramé (Irmãos), L.<sup>da</sup> — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. — Distribuidores exclusivos para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.<sup>o</sup> — Telefone 2 6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

### «HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardenças na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drogasias  
Preço avulso: -11\$00



# PASTA MEDICINAL

## Couto

CURA estomatites

TRATA as doenças da boca



